

O Primeiro Dia da Primavera

A. L. Benner

10/02/04

Disclaimers

Sobre a história: essa fanfiction (estilo alt/uber) foi ambientada em Auckland, maior cidade da Nova Zelândia, terra da nossa querida Lucy Lawless.

Criei o texto envolvendo duas velejadoras, porque, entre outros motivos, Auckland é considerada "The City of Sails" (A Cidade das Velas), pois é de lá a maior concentração de barcos (e é claro, de velejadores) por habitante do mundo!

Minha vontade era ter escrito mais sobre iatismo, descrever o esporte, mais acabei usando-o apenas como pano de fundo para a fanfiction, já que não conheço praticamente nada sobre o assunto e não quis dar algum fora.

Coloquei apenas algumas expressões ligadas ao esporte, mas não me arrisquei além disso. Se alguém que conhece esse esporte mais a fundo ler o texto, por favor, desconsidere algum eventual erro ou informação errada que eu tenha colocado.

Glossário:

- ⇒Rumo: para onde o veleiro vai;
- ⇒Escotas: cabos para manusear as velas;
- ⇒Cabos: cordas à bordo;
- ⇒Adriças: cabos para levantar as velas;
- ⇒Stoper: trava as adriças.

As referências geográficas são verdadeiras, pois os lugares citados existem em Auckland e arredores.

A referência a marcas não tem qualquer intenção de propaganda e sim de ilustração do texto.

O nome "Aotea" significa "Grande Terra" em maori, a língua do povo nativo da Nova Zelândia, e era assim que eles chamavam as duas ilhas antes dos ingleses chegarem.

Avisos: esta fic contém cenas de sexo explícito entre duas mulheres adultas. Se você é menor de 18 anos, não aceita esse tipo de amor ou se onde mora é proibida a leitura desse tipo de texto, por favor não continue.

Minha sugestão é que você procure textos que estejam de acordo com seu gosto e possibilidades, pois a autora e a pessoa que mantém o site não se responsabilizarão se você continuar.

Agora, se você não tem nenhuma restrição descrita acima, então meu desejo é que se divirta muito com meu texto!

Esse texto está protegido por direitos autorais e não infringe qualquer direito que os Studios USA/Renaissance detém sobre o seriado XWP. As personagens que aparecem aqui têm semelhanças físicas e pessoais com as personagens principais do seriado Xena Warrior Princess, mas essas semelhanças ficam por aqui, pois a autora não visa qualquer lucro na publicação desse texto.

Agradecimentos: **A inspiração em escrever vem de uma pessoa que tem importância essencial na minha vida. A ELA eu agradeço pelo incentivo e pelo amor que me faz melhor a cada dia que passa!**

Agradeço também à amiga LaCross, autora de grande talento, que tem me ajudado muito com seus textos e traduções excelentes.



Laureen olhou para a lista de inscritos na competição que tinha nas mãos e teve certeza de que aquele, definitivamente, não seria o seu dia. Seria a última regata importante antes do inverno começar e enfrentar os ventos gelados que já sopravam do sul mais a presença insuportável de Samantha Durban eram o suficiente para tirar-lhe o pouco humor que tinha.

Relendo a lista, ela tentou engolir a informação. Considerava-a sua inimiga há bastante tempo e a simples idéia de estar de novo próxima à velejadora deixava-a enjoada. Todas as vezes que se aproximava uma nova competição era aquilo. A presença dela perturbava Laureen, deixando-a tensa e alterada.

Mas isso tudo tinha um motivo; a única coisa que era capaz de tirar o brilho daqueles belos olhos azuis.

Sam Durban tornara-se seu pior pesadelo desde que participaram de uma regata em Sidney, havia mais de quatro anos e ela lhe tirara seu único irmão num acidente durante as competições.

Lembrou-se da dor de ver quando o barco de Samantha simplesmente “passou por cima” de Mark. Desde então, aquele acidente não lhe saía um minuto sequer da mente; e a cada vez que pensava nele, sentia mais raiva de Samantha e a certeza de que ela não desviara seu barco a tempo pelo mais absoluto propósito, resultando naquela tragédia.

Ela ficara sozinha desde então, pois seus pais haviam morrido oito anos antes do acidente com Mark.

Amassando com força o papel, Laureen jogou-o na lixeira presa ao pé da pequena mesa que usava tanto para suas refeições, quanto para ler os mapas das competições de que participava pelo mundo todo. Ela trincou os dentes, cheia de raiva, contraindo o rosto moreno e marcadamente anguloso.

Elas nunca tinham sido amigas; Laureen a conhecia pouco e a raiva pelo que acontecera só fez transformar-se no mais puro ódio.

A comissão que investigou o acidente inocentou-a, mas Laureen nunca havia acreditado, apesar dela alegar que não teve tempo para manobrar e desviar de Mark. Tinha certeza de que ela seria capaz de fazer qualquer coisa para que seu barco chegasse em primeiro lugar. E sabia também que se ela tivesse feito uma manobra para desviar de Mark, teria perdido sua posição.

No restrito mundo dos velejadores, o que corria a respeito dela se resumia ao seu apelido: Furacão Louro. A imprensa especializada em iatismo e todos os competidores sabiam de quem se tratava quando ouviam esse nome.

Ela era a competidora mais ferrenha de que se tinha notícia. Era talentosa; quanto a isso não havia dúvidas, mas seu gosto por “massacrar” qualquer iatista que tentasse se colocar na sua frente era bem conhecido. Laureen era a única que conseguia vencê-la.

Curiosamente Samantha nunca atacara Laureen. Ela havia apenas se defendido na ocasião do acidente, e a inimizade delas era visível apenas pelas manifestações de Laureen. Nas competições de que participavam, se Laureen a vencesse, ela simplesmente não se pronunciava.

As duas velejadoras tinham apenas um fato em comum: ambas eram gays e o mundo todo sabia disso. Eram atletas conhecidas e seus nomes se alternavam com frequência nos primeiros lugares do circuito mundial de iatismo.

Mas até isso acirrava a inimizade que Laureen sentia pela bela velejadora loura, já que Samantha fazia de sua vida amorosa uma fonte de notícias para tablóides especializados em escândalos, deixando-se fotografar com suas muitas namoradas.

Laureen levava uma vida completamente oposta a isso, mas de uma forma indireta, acabava sendo um pouco vítima do comportamento de Samantha, pois seu desafeto por ela não era nenhum segredo.

Tentando conseguir mais escândalos para suas páginas, não era raro os mesmos jornais que se deliciavam com os romances nada discretos dela, de tempos em tempos, procurarem Laureen para novamente levantarem o assunto do acidente com seu irmão e

a suposta culpa de sua inimiga. Mas a cada vez que algum repórter a procurava, sua fúria crescia, fazendo-a desprezar mais ainda a figura loura que a perseguia.

Frustrada, Laureen lembrou-se da festa que seria oferecida a todos os iatistas naquela noite e para a qual recebera o convite junto com a lista de competidores. Mesmo contra sua vontade e natureza caseira, ela teria de ir, já que todos os patrocinadores do evento cobravam isso de seus patrocinados. Era praticamente uma obrigação contratual à qual ninguém conseguiria fugir; nem mesmo ela.

Deixando o interior estreito do Aotea, foi sentar-se perto do leme. Gostava de sentir o leve balançar de seu veleiro quando ele estava ancorado.

O fim de uma das últimas tardes de outono se aproximava da marina de Bayswafer e ela guardou alguns cabos antes de deixar o barco e ir para casa. Sabia que encontraria vários recados de Joan, já que não havia ligado o celular durante todo o dia, mas não tinha vontade de ver a namorada naquela noite. Poderia levá-la à festa, mas sua vontade era ir sozinha e livrar-se daquele ambiente o quanto antes.

Elas estavam tendo um momento ruim no namoro e Laureen não sabia explicar o que era; apenas não sentia vontade de estar com Joan nos últimos tempos. Andava culpando por isso, o fato de que a morte de Mark lhe torturava mais e mais, apesar dos anos que a tornavam cada vez mais distante.

Ela já admitia que poderia não estar mais tão apaixonada como antes; e isso deixou-a triste, pois quando começou o namoro, desejou sinceramente que ficassem juntas por muito tempo. Sorriu com pesar ao lembrar que ultimamente estava preferindo abrir uma garrafa de vinho e perder-se nas lembranças de quando Mark era vivo do que ir ao apartamento de Joan. Nunca fora de beber, mas tinha uma vaga consciência de que isso estava se tornando um hábito freqüente demais.

Ela chegou à imensa mansão da família em Devonport, onde morava sozinha pensando no que diria para Joan quando ela ligasse e deu de cara com a bolsa dela sobre uma poltrona do living. Sabendo o que aquilo significava, suspirou.

“Ela deve estar cozinhando para mim.” – pensou, sentindo a culpa invadi-la.

Foi até a cozinha e viu que tinha acertado: Joan abriu-lhe um sorriso, enquanto arrumava a mesa para o jantar.

– Oi, amor! Resolvi preparar algo para você comer quando chegasse.

– Obrigada, Jo. – Laureen foi até ela e abraçou-a, tentando em vão, dissipar a culpa que sentia pelo que havia pensado poucos minutos atrás. Ela era sua companheira, respeitava-a muito. O problema era ela, não a namorada. Sentia-se covarde e impotente diante dela. Sabia que precisavam conversar, mas sua tristeza não permitia. Joan já havia tentado várias vezes, mas ela não encontrava o momento certo para isso, preferindo adiar mais e mais.

– Quer comer?

A pergunta tirou-a de seus pensamentos.

– Oh, claro! Estou com fome.

Antes de se sentar, ela foi até pequena prateleira de vinhos que tinha na sala de jantar e pegou uma garrafa, abrindo-a e servindo uma taça para si e outra para Joan. Dois

minutos depois sua taça já estava vazia, enquanto a de Joan nem sequer fora tocada. Ao pegar a garrafa para se servir novamente, a voz da namorada chamou-lhe a atenção para o que fazia:

– Laureen, você tem bebido com muita frequência ultimamente. Secou uma taça em minutos!

– Ora, Jo! Não vai querer me controlar agora, não é? – respondeu, com o tom de voz mostrando uma impaciência fora do comum nela.

– Não quero controlá-la; quero apenas que esteja sóbria para conversarmos.

Laureen olhou-a e reconheceu uma centelha de tristeza nos olhos castanhos. Joan não era idiota; sabia que algo estava errado entre elas; sabia até que não se amavam mais da mesma maneira.

Ela sabia que aquilo não podia mais se arrastar indefinidamente e que se machucariam de forma irreversível se não parasse de se esconder atrás de desculpas.

– Desculpe, Jo. Sei que quer conversar, mas...

– Eu sei, você está adiando isso há tempos. Mas não podemos continuar dessa maneira. Estou fazendo tudo que posso, esperando que você descubra o que aconteceu conosco... e porque não me ama mais. – Joan retrucou com firmeza.

– Jo, eu... não é isso... – Laureen não conseguia encara-la.

– Então o que é? – Joan exclamou, já alterada. — Não namoramos mais; você desliga o celular durante todo o dia e à noite sou eu quem a procura. Nem consigo lembrar a última vez que me ligou ou que saímos para jantar. Nada mudou na sua vida: continua ganhando a maioria das competições das quais participa. Sua carreira não poderia estar melhor; mas faz meses que vejo você se afastar silenciosamente de mim, preferindo ficar bebendo sozinha ao invés de nos encontrarmos. Perdi a conta de todas as vezes que tentei conversar, Laureen! Não quero mais isso, entendeu? Não quero viver sem amor! Não foi para isso que me apaixonei por você!

Quando viu, Joan estava de pé, com as mãos espalmadas sobre a mesa. Seus braços tremiam e Laureen viu que ela se controlava para não chorar.

Levantando-se e contornando a mesa, ela abraçou a mulher por quem um dia havia se apaixonado. Não sabia explicar o que acontecera com seu amor; não sabia se explicar com Joan; apenas não queria que ela sofresse. Apertou-a contra si, desejando sentir de novo tudo que um dia já sentira por ela, mas não conseguiu. Pediu perdão baixinho, com Joan chorando em seu ombro.



Ela chegou à festa muito tempo depois de ter começado. Se não fosse aquela maldita obrigação com os patrocinadores, teria mandado tudo às favas. Sentia-se um frangalho de gente depois da conversa com Joan. E o pior era saber que tudo tinha acontecido por sua própria culpa.

“O que há com você, Laureen? – ela perguntou-se pela enésima vez, ao entrar no imenso salão onde muitos de seus colegas circulavam. — Poderia estar encarando essa

festa idiota com Joan ao seu lado. E ela faria isso com todo prazer; apenas para ajudar a poupar-lhe mais aborrecimentos. O que lhe falta afinal?"

Sentia a cabeça doer e ao primeiro garçom que viu passar com uma bandeja repleta de taças de champagne, serviu-se de uma. Caminhou devagar entre as pequenas rodas de conversa que se formavam no salão, cumprimentando amigos e conhecidos. O pior era ter de sorrir forçadamente, enquanto seu coração queria apenas o aconchego de sua casa. Viu de longe uma silhueta loura e imediatamente mudou de direção. Aquilo a chateou mais ainda. Sentiu o rosto queimar de raiva apenas com a visão de Samantha.

Percebeu seu estômago doer por causa do champagne e a irritação por ver a outra velejadora só fez isso piorar. Não queria finalizar aquele dia péssimo com um encontro com sua inimiga, mas se pudesse, iria até ela e despejaria todo o champagne de sua taça pelo decote adentro que ela ostentava.

"Incrível como ela me irrita!" – Laureen removeu, deixando a taça vazia sobre uma mesa e pegando outra da bandeja de um garçom que passava. Com um suspiro resignado, continuou conversando com seus conhecidos.

Apesar de quase todos a conhecerem, sua presença alta e esguia dentro do vestido de noite em tons prateados chamava a atenção de homens e mulheres. Os cabelos escuros lhe acariciavam as costas nuas e os olhos inacreditavelmente azuis eram como ímãs que prendiam o olhar de qualquer um que a olhasse. Laureen era uma mulher deslumbrante em todos os sentidos, e apesar dos homens saberem de suas preferências, nunca deixavam de cortejá-la, mesmo tendo consciência de que suas tentativas eram inúteis. Era como um desafio para eles. Ela ria sempre disso, divertindo-se, pois eram todos seus amigos de iatismo, na maioria. Às vezes, um ou outro desconhecido fazia suas tentativas, mas ela sempre os fazia perceber que não conseguiria nada.

Caminhou mais um pouco e viu Tom e Susan Brant, seus mais queridos amigos conversando com alguns dos patrocinadores mais chatos. Como teria mesmo de suportá-los por alguns minutos, aproveitou a presença dos amigos e aproximou-se.

– Ora, vejam só! – festejou Tom. — Achei que não teríamos o privilégio de desfrutarmos desses lindos olhos azuis esta noite!

– Susan não vai gostar disso! – ela respondeu enquanto abraçava-o carinhosamente.

– Não se preocupe, Laureen, depois eu me entendo com ele. – Susan respondeu, sorrindo para ela.

– E ainda está desacompanhada! Os deuses ouviram minhas preces! – Tom ainda brincou mais uma vez, enquanto puxava-a para dentro da roda.

Ela cumprimentou a todos e pôde sentir mais uma vez os vários olhares cobiçosos que se lançaram sobre ela. Estava acostumada àquilo, mas naquela noite, seu último fio de paciência já tinha se esvaído. Esperou alguns minutos e num pedido silencioso, olhou para Susan, suplicante.

Sua amiga entendeu como sempre, e interrompendo descaradamente a conversa em que um esnobe executivo da indústria eletrônica insistia em prender Laureen, convidou-a para ir ao toilette, alegando que precisava retocar o batom.

– Você me deve essa! – Susan retrucou ao entrarem no banheiro.

– E pagarei o que você quiser, minha querida! Eu já não estava suportando o cara! Daria qualquer coisa para não ter vindo a esta festa.

– O que houve, Laureen? Você está abatida como nunca a vi!

– Eu e Joan tivemos uma conversa difícil agora há pouco. – ela respondeu com os olhos baixos e tristes.

– Vocês... brigaram?

Foi mais do que isso, Su. Acho que não soube valorizar a grande companheira que eu tinha...

– Oh, sinto muito! O que houve?

– Eu... eu deixei de amá-la... foi isso.

– Laureen! Isso não é culpa sua, querida! O que você poderia fazer se o amor acabou?

– Talvez eu pudesse ter cuidado melhor dele. – respondeu. — Sinto uma tristeza imensa desde a morte de Mark. Não consigo me livrar disso e nem interessar por nada. Nem mesmo pela mulher que me amava!

– Laureen... – Susan se aproximou, colocando a mão no ombro dela. — ...você acabou de dar a resposta: ela te amava; você não! Não pode se culpar por não gostar dela como antes! Se você foi honesta com ela, não deve ficar aí, se culpando!

– Eu sei. Mas continuo me sentindo péssima. Não queria tê-la magoado.

Balançando a cabeça, Susan sorriu para sua amiga e puxou-a para fora do banheiro que começava a ficar cheio. Levou-a até o imenso terraço e sentaram-se numa mesa; ali poderiam conversar em paz.

– Tom vai sentir sua falta.

– Ele se vira. – Susan respondeu enquanto pegava duas taças de champagne que um garçom gentilmente lhe servia. — Não vou deixá-la sozinha.

– Obrigada! – Laureen respondeu, enternecida com a atitude da amiga.

– Por nada. Mas não quero vê-la assim. Já que está aqui tem de se divertir. – e dizendo isso, colocou a outra taça na mão de Laureen.

Ela olhou a taça e algo lhe disse para não beber mais, mas o brinde inocente que Susan esperava com sua taça na mão foi o suficiente para fazê-la deixar o pensamento de lado.

– Assim você já está querendo demais! – ela exclamou, tomando um gole. — Isso não acontece com Sam Durban a menos de 20 milhas náuticas de distância!

– Ora, Laureen! Não vá me dizer que ainda se deixa incomodar pela presença dela?

– O que ela fez com Mark não é apenas um incômodo! – ela respondeu, estreitando os olhos.

– Não acredito que ainda pensa nisso! Mark se foi e não há como trazê-lo de volta. Já ficou provado que não foi culpa dela.

– Sei que foi culpa dela! – Laureen estreitou de novo os olhos, cheia de raiva.

– Laureen, ouça-me! Você está enterrando sua vida nisso! Acabou de perder Joan; o que mais vai perder por causa dessa história?

Ela virou o que restava do champagne e fez sinal para que o garçom lhe trouxesse outra taça. Olhou para Susan e teve de segurar o nó que lhe subiu à garganta.

– Se pelo menos eu pudesse provar que ela foi culpada... – falou como para si própria.

Susan olhou-a com pesar. Tinha que tirar sua amiga daquela obsessão. Laureen estava deixando sua vida se afundar num inconformismo absurdo, pois se Samantha fosse mesmo culpada, a comissão que investigara o acidente teria encontrado essa culpa. Mas Laureen parecia se agarrar à idéia de que ela era culpada, não importando o que dissessem.

Susan sabia que a velejadora tinha fama de competidora ferrenha, mas vira a fita do acidente inúmeras vezes e sua experiência com iatismo lhe dizia que Sam era inocente mesmo. Mas nunca se atrevera a dizer isso a Laureen, temendo que sua raiva se virasse contra ela. Agora estava vendo sua amiga beirando a depressão por causa de algo que não tinha mais volta e sentia que precisava fazer alguma coisa.

Suspirando o ar um tanto frio da noite, Susan decidiu falar o que pensava:

– Laureen, sei que posso até perder sua amizade pelo que vou falar, mas não posso virar-lhe as costas e deixar que afunde sua vida nessa amargura toda. Pessoalmente, não acredito que Sam seja culpada pelo acidente...

O azul dos olhos de Laureen escureceu automaticamente. Susan viu-a apertar a taça que tinha na mão até quase faze-la despedaçar-se. Sentiu um frio percorrer-lhe a espinha pelo que viu, mas percebeu que teria de ir adiante.

– Como tem coragem de me dizer que acredita nela? Jamais me repita isso! – Laureen esbravejou, levantando-se.

Susan foi mais rápida do que ela, segurando-a pelo braço e fazendo-a sentar-se de volta, já que um leve efeito do álcool começava a aparecer e deixou-a menos ágil.

– Desculpe querida, mas você vai me ouvir. – Susan respondeu com firmeza. — Se você quer viver inconformada com o que aconteceu a seu irmão, ninguém poderá fazer nada por você, mais isso não vai adiantar. Você é uma mulher belíssima e talentosa e parece que o fato de ser uma das melhores velejadoras do mundo não lhe importa tanto. Se parasse para pensar, chegaria à conclusão de que Mark jamais a perdoaria você se destruísse sua vida e sua carreira por causa dessa obsessão em culpar Sam Durban pelo acidente dele; e mais ainda se deixasse de amar e não se permitisse mais ser amada porque está mergulhando de cabeça numa depressão que está tornando-a uma pessoa amarga, coisa que você nunca foi!

Enquanto Susan falava, a expressão de Laureen foi endurecendo como se tivesse sentindo uma dor aguda e contra a qual não podia lutar. Levantou-se num silêncio pesado e pegou abruptamente a pequena bolsa prateada que fazia conjunto com o vestido, virando as costas para Susan num gesto repleto de raiva. Andou rapidamente em direção ao salão, deixando Susan falando sozinha.

Susan olhou-a enquanto ela se afastava rapidamente em passos nervosos e sentiu-se desolada: não estava conseguindo ajudar sua amiga. Aquela atitude infantil dela tinha

sido a prova disso. Levantou-se então e foi procurar Tom. Eles teriam que pensar em algo juntos.



Embalada pelas várias taças de champagne que já tinha tomado e pela necessidade urgente de fugir de qualquer coisa ou pessoa que lhe lembrasse suas atitudes nos últimos tempos, Laureen foi para a pista de dança.

No salão anexo ao jantar, que já havia terminado, viu alguns conhecidos, mas começou a dançar sozinha. Ficou ali um tempo que ela não saberia precisar; sabia apenas que ficou muito tempo. A música alta e contagiante envolvia-a e ela perdeu a conta do quanto já tinha bebido.

Muito tempo depois, percebeu que a pista já estava quase vazia. Tentando manter-se de pé, foi até o balcão das bebidas e perguntou as horas ao garçom.

– Cinco da manhã. – ele respondeu calmamente.

– Nossa! Preciso ir para casa. – Laureen balbuciou, sem conseguir focar direito a “imagem” com quem conversava.

Com dificuldade, ela chegou à recepção por onde havia entrado na festa e pediu seu carro ao manobrista. O rapaz olhou-a apreensivo, percebendo o estado dela.

– Srta. Clark, não seria melhor ir para casa de táxi e...

Ele sequer teve tempo de terminar a frase, tamanho foi o olhar gélido que recebeu, precedendo a resposta seca e mal-educada:

– Sei cuidar de mim, garoto! Não preciso de seus conselhos. Traga meu carro!

A voz grave de Laureen soou bem mais alta do que seria necessário, chamando a atenção de um grupo de pessoas que também esperavam seus carros. Várias riram, vendo seu estado; mas uma delas se manteve silenciosa. Apenas os cintilantes olhos verdes acompanharam cada movimento de Laureen.

Um dos homens do grupo foi além das risadas:

– Olhe só, Samantha, o estado lastimável de sua velha inimiga! É um prato cheio para você, vê-la assim, não?

Olhando séria para o homem, Samantha respondeu seca e imediatamente:

– Não, não é, Peter! Não tenho prazer algum em vê-la assim! – foi a resposta que ele ouviu atônito.

– Mas eu pensei...

– Pensou errado. Nunca me considereei inimiga dela. Nossa disputa, para mim, é apenas no mar.

Impaciente, Samantha procurou com o olhar a cumplicidade de seu amigo Jean Dirrot. Ele estava de pé ao seu lado e conhecia Laureen por ter trabalhado na equipe dela por alguns anos. Nos olhos dele, Sam encontrou a confirmação de que aquela gozação era injusta.

Não satisfeito, o homem continuou alfinetando:

– Ora, mas que mudança! O que terá acontecido com nosso temido Furacão Louro?

– Você e os seus colegas jornalistas resolveram me chamar assim, mas sabem que detesto. Fui e continuo sendo uma atleta vencedora, nada mais que isso. – foi a resposta mais seca ainda que ela devolveu ao rapaz.

Meio sem graça, ele ficou em silêncio, mas as outras pessoas do grupo riram de novo, e Samantha preferiu ficar calada. Àquela hora da manhã, não estava disposta a discutir. Sua atenção estava voltada para outra coisa: nunca vira Laureen Clark daquele jeito. Sabia o que a bela morena pensava dela, mas com o passar dos anos havia deixado de se importar com o fato. No início sofrera muito, principalmente até que as investigações terminassem e ela fosse inocentada.

Como velejadora experiente, sabia que tinha feito o possível para desviar do rapaz quando ele caíra acidentalmente no mar, à frente de seu barco, mas a saraivada de acusações, vindas principalmente da irmã dele tinham-na deixado profundamente abalada.

Mas ninguém, absolutamente ninguém ficara sabendo o quanto ela sofrera. Nem mesmo sua namorada na época. Ser acusada pela morte de alguém foi o que de pior poderia ter-lhe acontecido, mas ela agüentou sozinha. Não chegou a ter raiva de Laureen, pois no fundo entendia a dor que ela estava sentindo, mas por seu caráter lutador, jamais deixou que qualquer pessoa soubesse que estava sofrendo; e a consequência maior foi a imprensa reforçar sua imagem de frieza.

Sua vida não era um exemplo a ser seguido; ela bem sabia disso. Não fazia a menor questão de esconder suas namoradas e o quanto gostava de se divertir com elas. Nunca se envolvia, não levando nenhuma a sério; e se divertia ao ver a imprensa correndo atrás de alguma foto dela e de suas belas companhias para apimentar suas capas de revista.

Mas agora, diante dos seus amigos se divertindo com a figura que no imaginário deles e do resto do mundo era sua inimiga, seu pensamento era um só: ela estava bêbada e correndo o risco de dirigir naquele estado. Por algum motivo inexplicado, pressentiu algo de muito ruim em relação àquele carro escuro que o manobrista deixava nas mãos de Laureen Clark.

Ela viu Laureen sair aos trancos e não pensou um minuto quando viu seu próprio carro sendo estacionado ao seu lado. O manobrista mal teve tempo de fechar a porta e ela arrancou, deixando seu grupo de amigos pasmos com o “preciso ir” que os fez engolir sem entenderem nada.

Sem saber direito porque estava fazendo aquilo, Samantha começou a seguir um pouco de longe o carro de Laureen. Viu que ela dirigia de forma desorientada. E corria demais.

Àquela hora da manhã, a estrada de Tamaki Drive na saída de Mission Bay, onde a festa tinha acontecido, estava praticamente vazia, mas o perigo estava justamente nisso: os poucos carros com os quais cruzavam também eram dirigidos por motoristas irresponsáveis, que, ou corriam demais, ou também tinham bebido muito, como Laureen.

Samantha pressentia que alguma coisa aconteceria. Era assim todas as vezes que seu coração disparava sem explicação.

Ela mal acabou de pensar nisso e viu o carro de Laureen perder o controle e rodar várias vezes à frente do seu, batendo com violência na encosta rochosa que fazia limite com a estrada.

A cena congelou-se em sua mente: o carro espatifando-se contra a rocha e os pedaços voando pela estrada. O desespero tomou conta dela. Suas pernas tremiam e o coração bateu-lhe na garganta num grito de desespero.

– Não!!!

O grito soou pela estrada deserta, misturando-se ao barulho dos pneus se arrastando no asfalto quando ela freou o carro.

Deixando os faróis iluminando o carro de Laureen, correu o mais rápido que pôde e ao chegar no carro, viu através do pára-brisa despedaçado, que ela estava debruçada sobre o volante, desacordada. O carro estava encostado na rocha pelo lado do motorista e não havia como tira-la dali por aquele lado. A porta do passageiro estava deslocada, e numa primeira tentativa, Samantha não conseguiu abri-la. O vidro da janela estava quebrado e ela conseguiu passar o braço e destravar a porta, mas mesmo assim, teve de fazer uma força sobre-humana para abri-la.

Conseguindo entrar no carro, a primeira coisa que fez foi tomar o pulso de Laureen. Estava fraco. E ela respirava com dificuldade.

Tentando tirar os cabelos que lhe cobriam o rosto, Samantha tocou-lhe a cabeça e percebeu um grande corte que lhe inundava o rosto de sangue. O braço esquerdo de Laureen estava quebrado um pouco abaixo do cotovelo e a fratura expunha um dos ossos num rio de sangue.

Com dificuldade, Samantha engoliu a dor que sentiu ao ver aquela cena. Ela sabia que teria de agir rápido se quisesse salvar Laureen. Tinha experiência suficiente em salvamentos para saber que se ligasse para o socorro, Laureen perderia sangue demais até que chegasse.

Numa decisão arriscada, ela voou até o porta-malas de seu carro e tirou uma grande caixa de primeiros-socorros que tinha planejado levar para seu barco no dia seguinte. Agradeceu aos céus por tamanha sorte ao abrir a caixa e ver que tinha colocado nela um colar cervical e uma prancha de imobilização dobrável.

Ela sabia que não conseguiria colocar Laureen e todo seu tamanho sobre aquela prancha. Teria de parar um carro e pedir ajuda, mas até que isso acontecesse, colocou cuidadosamente o colar em Laureen para proteger-lhe a coluna e fez um torniquete para estancar a hemorragia do braço fraturado.

Quando tentava verificar o pulso de Laureen mais uma vez, ela ouviu o barulho de um carro que se aproximava. Saindo do carro às pressas, correu para o meio da estrada, na tentativa de conseguir ajuda.

O motorista parou imediatamente ao perceber que se tratava de um acidente. Do carro desceram já em desespero, Tom e Susan Brant.

– Meu Deus! É o carro de Laureen! – Susan gritou, desnorteadada.

Tom correu até Samantha, que gritava para que ele a ajudasse a tirar Laureen de dentro do carro.

– Ajude-me a tirá-la do carro!

– Há quanto tempo aconteceu? – Tom perguntou, entrando no carro e puxando Laureen para fora.

– Foi há poucos minutos. – Samantha respondeu aflita. — Eu estava logo atrás dela e vi quando perdeu o controle e rodou. Puxe-a com cuidado!

– Ela bebeu demais! – Tom lamentou-se, enquanto a colocava na prancha.

Samantha imobilizou Laureen com destreza e rapidez, sob os olhos admirados e amedrontados do casal.

– Seu carro é maior que o meu. – Samantha observou. — Rebata o banco de trás para que ela caiba melhor.

Ele obedeceu e os três carregaram o corpo desmaiado de Laureen até a van. Por sorte, não estavam muito longe do Hospital Saint Andrew, em Mission Bay. Tom dirigiu para lá o mais rápido que pôde, com Samantha seguindo-os de perto. Do celular ela ligou para a emergência do hospital e quando chegaram, já havia médicos e enfermeiros prontos para socorrerem Laureen.



A tomografia mostrou que o corte na cabeça não tinha sido sério além dos muitos pontos que precisou para ser fechado. Mas a cirurgia para corrigir a fratura no braço esquerdo demorou algumas horas.

Nesse tempo Samantha esperou ansiosamente na sala de espera do hospital. Ainda sentia uma angústia enorme pelo que havia acontecido e precisava saber se Laureen ficaria bem.

Ainda não conseguia assimilar direito porque se sentia daquela forma, mas não era capaz de virar as costas e ir embora. Pensava em Laureen sem parar; e parecia que se algo lhe acontecesse, não seria capaz de suportar. Era uma dor de perda iminente, como se fossem ligadas de alguma forma.

Samantha sentia sua cabeça rodar com tantos e tão confusos pensamentos. Percebia os olhares interrogativos de Tom e Susan sobre ela, como se não entendessem porque ela continuava ali. Na verdade, nem ela mesma sabia a resposta. Tinha salvado a vida de Laureen e poderia estar em casa e se interar do que aconteceria depois pelos jornais, mas estava ali.

A imagem de Laureen sangrando e respirando fracamente não lhe saía do pensamento; e seu coração se apertava numa angústia até então desconhecida para ela. Entendia perfeitamente os olhares de estranhamento dos amigos de Laureen.

“Como Peter e todas as outras pessoas, os Brant também devem achar que odeio Laureen. Na verdade eu não deveria mesmo estar aqui. Por que me importar? Ela nunca poupou suas farpas contra mim... sempre arranjou um jeito de me culpar por aquele acidente.” – ela concluiu.

Na verdade, Samantha tentava ser racional e fazer o que todos esperavam dela; mas algo em seu coração não a deixava sair dali. Parecia presa ao chão do hospital; imóvel e ansiosa. Queria ver Laureen; ter certeza de que estava bem. Sua cabeça ainda

repetia exaustivamente as cenas do acidente, como se quisesse parar a fita no ponto antes do carro rodar e evitar toda aquela dor a Laureen.

Sentada numa cadeira da sala de espera, a jovem velejadora recusava-se a acreditar que estava se importando com a mulher tida como sua maior inimiga; mesmo que nunca a tivesse considerado dessa forma. Nunca chegaram a ter alguma amizade antes do acidente em Sidney, mas Samantha se lembrava de ter conversado amigavelmente com Laureen algumas vezes, e de tê-la achado linda.

Numa abstração mais do que fora do comum para ela, pegou-se pensando com carinho em Laureen; desejando conservar com ela de forma amigável.

A voz de Tom Brant tirou-a de seu devaneio e ela nem teve tempo de se irritar com o que tinha pensado, pois ele trazia notícias da cirurgia. Durante o tempo que ficaram ali, tinha conversado como casal apenas sobre o acidente, pois não tinha amizade com eles e ainda sentia os olhares de interrogação de ambos.

– Samantha, você deve estar esperando por notícias de Laureen... – Tom falou.

– Sim, estou. – ela respondeu, ficando vermelha como se tivesse fazendo algo errado.

– Bem... ela está bem agora. O ortopedista que a operou disse que ela não demora a acordar e poderemos vê-la rapidamente.

Samantha olhou para ele e Susan. Ia dizer que iria para casa e ligaria depois, mas, mais uma vez não conseguiu. Algo ligava-a a Laureen. Tinha que vê-la; nem que ela a expulsasse do quarto!

Susan percebeu a indecisão dela e se adiantou:

– Creio que poderá esperar mais um pouco, não, Samantha? Afinal, você salvou a vida de Laureen!

– É, talvez eu possa ficar... – ela balbuciou.

Ela não sabia o que pensar. Não se reconhecia; sempre fora uma mulher decidida, enérgica. E não era de se importar com ninguém; mas com Laureen... precisava senti-la viva de novo... não poderia perdê-la...

Esse pensamento enfureceu-a:

“Você deve estar enlouquecendo, Sam Durban! Desde quando ela foi sua para não poder perdê-la? O que está acontecendo com você?”

Querendo encontrar algo que a ocupasse e afastar aquelas idéias, ela deixou os Brant na sala de espera e foi até a lanchonete do hospital. Ficou lá por um tempo, tentando entender o que se passava em seu coração. Lembrou-se de ter visto Laureen várias vezes durante a noite; primeiro conversando com Susan, depois dançando e bebendo na pista de dança.

“Ela deve estar com algum problema, pois nunca soube que ela bebesse assim.” – concluiu.

A garçonete trouxe os cafés que havia pedido e ela afastou aqueles pensamentos o quanto pôde.

Chegando à sala de espera, ofereceu os cafés que trouxera ao casal. Susan olhou-a agradecida:

– Obrigada, Samantha. Estávamos mesmo precisando!

– É que está mesmo na hora do café. – ela respondeu, olhando a claridade da manhã que há muito já entrava pela janela.

Aquela atitude de Samantha, como todas as outras até então, só fez surpreender mais ainda a Tom e Susan. Eles nunca imaginaram que ela ficaria ali até poder ver Laureen. Quando a viram sentar-se na sala de espera depois que a cirurgia começara, eles entreolharam-se boquiabertos, pois achavam que ela iria embora assim que a emergência atendesse Laureen.

Susan olhou para seu marido; que lhe devolveu o mesmo olhar surpreso por detrás do copo de café fumegante. Ela não sabia porque Sam Durban se arriscaria a entrar no quarto de Laureen quando ela acordasse, mas sinceramente estava achando que aquela atitude teria um bom resultado para Laureen, porque talvez ela precisasse de um “baque” como aquele para entender que aquela sua obsessão estava indo longe demais.



Quase meia hora depois, o médico que fez a cirurgia em Laureen veio até eles, informando que ela estava acordando e que poderiam vê-la.

– Vocês não poderão ficar muito tempo, pois ela ainda está sonolenta e deve dormir um pouco mais. – ele informou.

– Podemos entrar todos juntos, doutor? – Samantha perguntou, ainda receosa se devia fazer aquilo ou não.

– Ah, sim, podem. Desde que não demorem. – ele repetiu.

Os três seguiram pelo corredor do hospital até chegarem ao quarto indicado pelo médico. Tom e Susan entraram, e Samantha ficou um pouco mais atrás.

Uma enfermeira acrescentou um medicamento no soro que corria para o braço direito de Laureen, e saiu em seguida.

Laureen sorriu sonolenta ao ver o casal de amigos.

– Olá! – Susan disse, chegando perto da cama. — Você nos deu um susto enorme!

– Tom... Susan... desculpem... como aconteceu tudo isso? – Laureen balbuciou, ainda um pouco sob efeito da anestesia.

– Você bebeu a noite toda, Laurie. Seu carro rodou na estrada de Tamaki Drive. Se não fosse Samantha estar logo atrás de você...

– Samantha? Ela me socorreu?

– Sim! Chegamos logo depois, porque saímos quase ao mesmo tempo da festa, mas ela já havia socorrido você. Só ajudamos a trazê-la até aqui!

– E onde está ela, Susan? Eu gostaria de vê-la...

– Estou aqui, Laureen.

Samantha estava logo atrás de Tom e chegou perto da cama alta. Quando viu de perto aqueles olhos azuis, sentiu um turbilhão de sentimentos formar-se dentro de si. Seu coração disparou de uma maneira inexplicável, sentindo alívio e encantamento, ansiedade e alegria.

Sob o olhar atônito das três pessoas ali presentes, Laureen tomou a mão de Samantha com a sua:

– Oi, Samantha. É um prazer conhecer a mulher que salvou minha vida!

Susan, Tom e Samantha ficaram parados por um momento. Apenas entreolharam-se espantados, sem conseguir assimilar completamente o que tinham acabado de ouvir.

Laureen olhava os três, também sem entender o que acontecia.

– O que foi? – ela perguntou. — Parece que viram um fantasma!

– Não, não é isso, Laureen... – Susan engasgou, sem saber o que falar.

– O que é, então? O que o médico disse? Vocês estão me escondendo alguma coisa...

– Querida, não é nada disso. Você está bem. Foi apenas o braço quebrado e o corte na cabeça, fora alguns arranhões e hematomas.

– Então o que foi? Estão todos com um ar de espanto...

– É que... você conhece Samantha... – Tom tentava achar um jeito de falar.

– Sim. Acabei de conhecê-la e estou muito grata a ela por...

– Laureen, você a conhece há vários anos! – ele completou, temeroso do que aquilo poderia significar.

– Como?! – agora a surpresa era dela.

– Sim, Laureen. Nos conhecemos há pelo menos cinco anos. – Samantha confirmou.

– Mas como? Eu... não entendo...

– Acho melhor falarmos com o médico, Samantha. A pancada na cabeça foi forte. Pode ter sido isso. – Susan lembrou.

– Mas Susan, ela nos reconheceu... só não lembra de Samantha! Ou você não se lembra de mais alguma coisa? – Tom perguntou a ela.

– Bem eu... Lembro-me de ter discutido com Joan... de ter ido contrariada à festa e encontrado vocês. Lembro-me de ter dançado sozinha por um bom tempo e... só. Depois disso, não sei...

– Você lembra que é velejadora? – Susan perguntou.

– Sim. Sou velejadora.

– E que Samantha também é? – foi a vez de Tom perguntar.

– Ela também?

Os três entreolharam-se de novo.

– Vamos falar com o médico. – Susan concluiu.



Susan ficou no quarto com Laureen enquanto Tom e Samantha procuraram pelo médico. Eles perguntaram à enfermeira onde o encontraria e ela os levou até uma sala no segundo andar do hospital. Depois de um tempo esperando, eles viram o médico chegar.

– Doutor, achamos que Laureen perdeu parcialmente a memória. – Tom falou.

– Vocês notaram alguma diferença nela? – o médico perguntou.

– Sim, ela reconhece a mim e à minha esposa, mas não sabe quem é Samantha. – Tom explicou.

– Bem, ela bebeu antes do acidente e bateu forte com a cabeça. Isso pode causar uma perda temporária de alguns aspectos da memória. – o médico analisou. — Acho melhor chamar um neurologista para examiná-la. Geralmente isso acontece em relação a fatos ou pessoas que têm alguma importância muito grande na vida do paciente. Algo muito ruim, ou mesmo muito bom pode desaparecer da memória temporariamente. Não a forcem a se lembrar. Isso pode ser prejudicial. Esperem pela avaliação do neurologista.

O médico foi com eles até o setor de neurologia do hospital e lhes apresentou um neurologista. Quando lhe contaram o caso, ele quis ver Laureen.



De novo na sala de espera, os três conversavam com o Dr. David Atkins. A visita já tinha terminado e Laureen tinha voltado a dormir sob o efeito dos sedativos.

Susan torcia as mãos em nervosismo:

– Doutor, ela pode não se lembrar dessa parte da vida nunca mais?

– Eu acho pouco provável. – o médico respondeu. — Essas perdas parciais de memória por leves traumas de crânio geralmente são temporárias. Pode voltar ao normal amanhã, bem como pode demorar meses para que isso aconteça. Vocês terão de ter paciência e esperar. Como ela não se lembra especificamente de você, Srta. Durban, creio que deveria conviver com ela de forma natural durante a recuperação. Evitem jornais, fotografias... essas coisas. Deixem que ela descubra tudo “de novo” por si mesma.

– Mas, doutor... nós... Laureen e eu não somos amigas... – Samantha gaguejou, sem graça por ter de dizer isso a ele.

– Eu sei, Srta. Durban. Costumo ler as notícias de iatismo.

A declaração do médico deixou-a ainda mais sem jeito.

– Mas se não conviver com ela, o processo pode demorar mais do que deveria. E se ela souber de tudo por outras fontes, pode haver algum trauma psicológico. – ele sentenciou. — Tentem imaginar que algo nunca existiu na sua vida e depois “aparece” de repente. Isso é a perda de memória. O que a pessoa não lembra, simplesmente não existe para ela. Se passar a existir de repente, pode causar danos. Não deixem que a imprensa saiba disso, senão tudo se complicará na recuperação de Laureen.

– Mas, doutor, e se ela se lembrar “de repente” que não somos amigas? Isso não pode ser traumático também, ainda mais se eu estiver por perto? – Sam perguntou.

– Bem, penso que se ela souber por amigos ou jornais que foi você quem a salvou, se sentir agradecida e só depois se lembrar que não são amigas, isso poderá ser pior. Não conte tudo, mas também não minta para ela. Se ela perguntar de eram amigas, diga que não, mas sem detalhar. E vamos deixar o tempo agir.

Samantha estremeceu enquanto o médico se afastava. Sua cabeça e seu coração eram um emaranhado de sentimentos opostos. Sentia uma alegria enorme por saber que conviveria com Laureen. Por saber que “teria” de conviver com ela. Mas não sabia porque se sentia daquela forma e tentava lutar contra aquelas sensações. Envolvera-se naquilo sem querer e sentia que não poderia sair; “não queria” sair.

Ela olhou para o casal à sua frente e viu nos olhos de ambos um pedido silencioso. Ainda sem saber porque e seguindo o que seu coração lhe dizia, ela respondeu:

– Eu estarei com ela. Não me perguntem porque, mas estarei. Ajudarei no que for preciso.

Tom e Susan entreolharam-se aliviados.



Como os Brant e Samantha foram as únicas testemunhas do acidente, e Tom providenciou o reboque do carro de Laureen com um amigo dono de um guincho, a imprensa não ficou sabendo do ocorrido. Tudo no hospital foi feito de maneira a que permanecesse assim.

Laureen ficou internada por alguns dias e a única pessoa além deles a saber do acontecido foi Joan. Susan ligou para ela e avisou do acidente ainda naquela manhã. A história dela e de Laureen ainda estava muito recente; e Joan ainda estava visivelmente magoada com a separação. Mesmo assim não deixou de se preocupar com Laureen e muito menos deixou de visitá-la.

No dia seguinte ao acidente, ela apareceu para ver Laureen, que já estava ficando mais tempo acordada. Mas sua surpresa foi estar conversando com Laureen e ver Samantha Durban entrar no quarto. Ela só conseguiu olhar interrogativamente para Susan, que também estava ali.

– Foi Samantha quem salvou Laureen. Ela viu o acidente e a socorreu ainda nos primeiros minutos. – Susan respondeu à pergunta silenciosa de Joan.

Joan olhou para Samantha e cumprimentou-a, ainda espantada. Viu Laureen sorrir para ela amigavelmente e entendeu menos ainda a situação.

Susan esperou alguns minutos e quando pôde, puxou-a para um lado do quarto, explicando a situação:

– Não fique espantada, Joan. Laureen não se lembra de nada que se refira a ela. – ela explicou em voz baixa, enquanto observava as duas velejadoras conversando.

– Então a perda de memória que você mencionou era essa? – Joan ainda não conseguia assimilar a situação.

– Sim. Laureen simplesmente ignora que conhece Sam Durban.

– Essa é muito boa! Logo de quem ela foi se esquecer!

– Pois é! Eu e Tom também ficamos pasmos. E o médico pediu que Samantha conviva com ela naturalmente até que a memória volte.

– E por que ela faria isso? Laureen a odeia! Vive dizendo o que pensa a respeito dela; e não são coisas nada boas. – Joan retrucou.

– Nós sabemos. E é claro que Sam também sabe. Para lhe ser franca Joan, estou incrédula até agora! Por algum motivo que acho que nem ela própria saiba, Sam Durban não arredou o pé daqui desde o acidente! Nem parece aquele “Furacão Louro” que todos vemos nos jornais. Eu e Tom pensamos que ela deixaria Laureen na emergência do hospital e não a veríamos até a próxima regata, mas... ela ficou! E disse que vai ajudar!

– Estranho... – Joan respondeu pensativa. — Ela está arriscando a pele ao ficar aqui. Se Laureen recobrar a memória a qualquer hora, vai matá-la apenas com o olhar...

– É... nem quero estar perto para ver! – Susan respondeu.

– Acho que vou embora, Susan. Já fiquei o suficiente.

– Espere mais um pouco, Joan. E vocês? Não tem mais jeito? – Susan perguntou, vendo o olhar triste e com uma ponta de ciúmes de Joan.

– Não, não tem. – ela respondeu, visivelmente segurando um nó na garganta. — Laureen não me ama mais e não se pode amar sozinho, não é mesmo?

– É... você tem razão... – Susan olhou-a com pesar. Joan despediu-se de todos no quarto, deixando seu olhar demorar-se um pouco mais sobre Laureen. O amor dela pela velejadora ainda era evidente; não conseguia disfarçar. Mas ela sabia que o brilho daqueles belos olhos azuis não era mais dela. O melhor era visitar Laureen como amiga e tentar sofrer o menos possível com aquela constatação.

Do outro lado da cama, um outro par de olhos também se demorava sobre Laureen. Eles ainda não sabiam direito o que faziam ali, naquela situação inusitada. Apenas obedeciam a um coração que lhes dava a ordem de ficar. Esse coração também se questionava do porquê daquilo tudo, mas de tão preso que estava àquele encantamento, os protestos de sua débil razão ficavam cada vez mais longe; cada vez mais inaudíveis.

Samantha conversava com Laureen e sequer lembrava-se de que o mundo as considerava inimigas. E menos ainda de que “Laureen” a considerava sua inimiga.

– Sabe, Samantha, é estranho pensar que não me lembro de você, mas a sensação de conhecê-la está presente. – Laureen comentou, tirando Sam de seus pensamentos. — Só não consigo “resgatar” as imagens... Talvez... se você me falasse sobre nossa amizade, sobre nossa convivência... isso poderia ajudar, eu acho.

– Bem, Laureen... o médico disse para deixarmos que sua memória volte normalmente, sem forçar... e tem uma coisa também: não somos amigas... – Samantha respondeu à pergunta, completamente sem graça.

– Oh! Eu pensava que fôssemos. – foi a vez de Laureen ficar sem graça.

Para alívio das duas, Susan interrompeu a conversa com uma pergunta qualquer e começaram outro assunto.

Mas o pensamento de Laureen se fixou naquele fato. Sentia a jovem loura tão próxima de si que não conseguia imaginar que não eram amigas. Era horrível não ter uma parte da própria vida para lembrar.

Ela sentia dores no braço operado e os sedativos a deixavam sonolenta, mas queria conversar mais com Samantha. Dentro dela havia quase que uma necessidade disso. Aquela moça loura, que todos diziam que ela conhecia, era fascinante. Não apenas pelo fato de não se lembrar dela, mas pelo brilho intenso no olhar.

Por diversas vezes sentira vontade de tocá-la; e não resistira à tentação de fechar os olhos e sentir-lhe o perfume sofisticado e de bom gosto. Apesar do seu estado, ela sabia que estava se sentindo atraída por Samantha. Era inegável.

Nos dias que se seguiram, Laureen esperou com ansiedade por cada visita de Samantha. Sentia uma leveza inexplicável quando ela entrava no quarto, sempre trazendo algumas flores que colocava num vaso ao lado da cama. Aos olhos de Laureen, desfilava uma criatura doce e ao mesmo tempo intensa. Ela era forte, sem dúvida. E a força dela atraía Laureen de uma forma diferente e impossível de ser ignorada.

A pedido de Laureen, ela falava das competições de iatismo, de como estavam os preparativos para última regata do outono, de como estava o mar naqueles dias.

E falava com aquele ardor típico dos apaixonados pelo que fazem. Os lábios dela se abriam facilmente em sorrisos espontâneos, fazendo pequenas e encantadoras ruguinhas no nariz. Estavam estabelecendo uma afinidade inédita, conversando sobre tudo, enquanto as visitas de Samantha ficavam cada vez mais longas.

Laureen se encantava cada vez mais. Para ela, a jovem loura existia há apenas alguns dias, mas em seu íntimo sentia uma ligação completa com ela; uma ligação que já durava muito, muito tempo.

Alguns dias se passaram e logo Laureen teve alta. E durante esses dias o envolvimento entre elas ficou maior a cada minuto que passaram juntas.

No dia da alta Samantha estava em casa, apreensiva. Não sabia se poderia visitá-la na mansão dos Clark e já sentia falta dela. Seu coração estava do avesso por causa da mulher que sempre a odiara. Não sabia mais como agir; estava apaixonada! Queria Laureen; queria-a com tanta força que seu sentimento parecia não se limitar ao seu próprio corpo. Sentia vontade de beijá-la toda vez que ela lhe sorria e aqueles olhos azuis se estreitavam, tomando involuntariamente um ar felino.

“Sam, isso é loucura! Quando ela se lembrar de tudo... – ela tentava ponderar para si mesma”.

Ela decidiu então, sair para velejar em treinamento novamente, como vinha fazendo quase todas as manhãs e tentar pensar racionalmente naquilo tudo.

Com a destreza de sempre, ela tirou seu veleiro da marina de Westhaven e conduziu-o rumo ao golfo de Hauraki.

Apesar dos ventos gelados que vinham do sul, anunciando o inverno, o mar estava calmo, e ela acabou velejando até o final da tarde; sozinha.

Mais tarde, ao chegar de volta à marina, viu Susan Brant esperando-a.

– Olá, Susan! Está tudo bem com Laureen? – ela gritou de longe, pensando que Laureen tivesse tido alguma complicação.

– Não se preocupe! Ela está bem. – Susan gritou, parada no píer.

– Espere que vou ancorar! – Samantha pediu.

Ela levou o veleiro com habilidade até o píer e saltou para fora dele, levando consigo o cabo que o prenderia com segurança.

Ainda ofegando pelo esforço, ela foi até Susan.

– Laureen pediu-me que viesse saber do seu sumiço. – Susan falou.

– Sumiço? Eu não sumi! – ela respondeu, espantada.

– É que já é quase noite e você não apareceu hoje. Ela teve alta.

– Eu sei, Susan... mas... fiquei sem saber se deveria ir à casa dela...

– Por quê? – Susan perguntou meio surpresa, mas já sabendo a resposta.

– Porque eu... eu nunca fui à casa dela, Susan! Nem sei onde fica. E Laureen nem sabe disso! Não sei mais como agir! Tenho medo de que ela se lembre de tudo e...

– ... e substitua o amor que está nascendo entre vocês pelo antigo ódio que sentia?

A pergunta foi como um baque para Samantha. Ela sentiu seu rosto queimar e as palavras sumiram-lhe da boca. Não sabia o que responder àquela constatação mais do que evidente da amiga de Laureen.

– Susan, eu...

– Eu sei, Sam. Você nem sabe como tudo isso foi acontecer. E acredite: eu e Tom também estamos muito surpresos. Mas está mais do que claro que vocês se apaixonaram!

– Mas Susan, ela me odeia! Acha que matei seu irmão! Nunca vai me amar; se ela também está apaixonada como eu, é pela Samantha que conheceu há alguns dias e não pela verdadeira Samantha da qual ela, a qualquer momento vai se lembrar!

– E o que você pretende fazer? Deixar que esse ódio idiota separe vocês duas? Eu já havia conversado com Laureen sobre isso antes dela se embriagar naquela festa, Sam. A morte de Mark estava virando uma obsessão para ela. Você foi inocentada e eu acredito nisso, mas ela precisa culpar alguém pela perda que não aceita e esse alguém só poderia ser você. Desde que vocês começaram a conviver, vi uma nova Laureen nascendo. Ou melhor, renascendo, porque até Mark morrer ela nunca havia ficado assim, deprimida e cada vez mais solitária; escondendo-se atrás de porres como esse que quase a matou!

– Ela começou a beber há muito tempo? – Sam quis saber.

– Pelo que conseguimos perceber, há alguns meses a frequência aumentou, mas a depressão e infelicidade já tomam conta dela faz muito tempo. Laureen nunca foi de beber. Sabemos que estava fazendo isso para tentar esquecer o que mais lhe deixa angustiada.

Samantha ficou em silêncio, sentindo um aperto no peito, como se tivesse perdendo algo que nem havia sido seu ainda.

– Sam, por favor... se você a ama de verdade, não desista dela! Faça-a feliz! É o que ela precisa! – Susan pediu, suplicante.

Samantha ficou parada, olhando Susan. Aquilo tudo era mais do que irreal, era absurdo!

– Não, Susan. – ela falou, com os olhos cheios de tristeza. — Não vou me iludir. Farei a minha parte; ajudarei na recuperação dela. Mas assim que ela recobrar a memória, vou cair fora porque não quero sentir o ódio faiscando naqueles olhos.



Samantha bateu a porta do carro e olhou a fachada da imensa casa.

“O que vim fazer aqui, meu Deus?” – ela suspirou antes de tocar a campainha e ver, surpresa, que a própria Laureen viera recebê-la.

– Você não deveria estar descansando? – Sam perguntou.

– Eu já estou bem. – Laureen respondeu, olhando-a nos olhos.

Samantha tentou desviar os olhos, sem muito sucesso.

Laureen estendeu-lhe a mão e puxou-a gentilmente para a grande escada que começava logo após o hall de entrada. Sam podia sentir os olhos dela cheios de desejo percorrendo seu corpo.

– Eu pedi ao meu mordomo que arrumasse a mesa para o chá no meu quarto. Você me acompanha? – Laureen convidou.

A pergunta tirou Samantha de seus pensamentos.

– Ohh... sim... claro, Laureen! – ela respondeu surpresa e sem entender muito bem como aquilo estava acontecendo.

– Então venha comigo!

O quarto era enorme e parecia estar à meia-luz. Samantha mal viu a mesa posta na saleta anexa. Não teve tempo. Laureen puxou-a contra si, prendendo-a entre ela e a parede. A respiração dela era profunda e o braço com que a segurava era forte e delicado ao mesmo tempo. Sam sentiu uma onda quente envolvê-la. Não conseguia pensar direito; só sentia o corpo tremer de leve àquele contato. A boca de Laureen estava quase colada à sua e ela sentia a necessidade urgente de deixar-se beijar por ela.

– Eu a quero, Sam... – Laureen falou baixinho, quase como uma súplica.

– Laureen, querida...

Numa entrega absoluta, elas se beijaram. Ela percebia cada parte daqueles lábios macios e quentes. Sentia a língua insinuando-se devagar, tomando a sua e sugando-a com deleite. Enterrando suas mãos nos cabelos negros, percebia a maciez de cada fio; o pescoço delicado.

Ela agarrou-se a Laureen, trazendo-a para si o mais que podia. Queira que aquele corpo se fundisse ao seu; apenas tomou cuidado para não lhe machucar o braço operado. O quadril de Laureen veio de encontrou ao seu, apertando-se contra ela e abrindo o caminho convidativo entre suas pernas.

– Ohh, Laureen... eu quis isso todos esses dias... – Sam conseguiu dizer.

– Eu sei querida... eu também queria muito... – os olhos de Laureen cintilavam de desejo.

Suas respirações se misturavam, alteradas, profundas. O perfume de Laureen instigava ainda mais o desejo de Samantha. Sentiu as pernas fraquejarem quando ela desceu a boca por seu pescoço, deixando para trás um rastro de pele arrepiada.

Quando chegou ao vão de sua blusa, Laureen parou um pouco. Levantando o rosto, ela olhou para Sam e ela soube que tinha acabado de se entregar completamente àqueles olhos enlouquecedores.

Samantha sentiu-se puxada devagar através do quarto, rodopiando numa dança lenta em que Laureen parecia envolvê-la com o próprio corpo. Ela levou-a até a cama e antes de se deitarem, foi desabotoando devagar a blusa de Sam, apenas com a mão livre. Ajoelhada sobre a cama, Sam deixou-se despir, sentindo os lábios de Laureen percorrerem cada parte de seu corpo que ela ia deixando nua.

A jovem loura só percebeu os lábios atrevidos que lhe invadiram o sexo molhado e latejante. Não teve tempo de pensar. A boca de Laureen já sugava seu interior com paixão. A língua dura forçava-se dentro dela e Samantha empurrava seus quadris na direção daquela fonte de prazer. Numa entrega completa, ela deu-se a Laureen. Numa dança frenética em buscar do prazer, ela abriu suas pernas àquela boca, enroscando as mãos nos cabelos escuros, querendo que Laureen arrancasse dela todo gozo que pudesse.

Numa onda de tremor, ela percebeu Laureen sugando seu centro inchado, agora mais devagar, pausadamente, como quem saboreava sua essência sem pressa. Sam percebeu o movimento ritmado dos lábios, a dor aguda e ao mesmo tempo deliciosa que a fez contrair-se em êxtase surgindo em seu centro; cada toque que a língua de Laureen fazia nos lábios intumescidos e molhados. Ela não se conteve mais e a explosão iminente invadiu-lhe o sexo ansioso por aquele prazer, fazendo-a gritar em gozo.

– Oh, Laureen!!



Num sobressalto repentino, Samantha levantou-se da cama, sentindo coração disparado e o suor que lhe cobria o rosto. Sem rumo sobre a própria cama, ela percebeu devagar o que tinha acontecido. Lembrou-se que depois de prometer a Susan que visitaria Laureen no começo da noite, fora para casa e deitara-se pensativa em seu quarto. Estava cansada e acabara cochilando um pouco, sonhando que fazia amor com Laureen!

– Meu Deus! Eu sonhei tudo aquilo!

Ao levantar, ela deu-se conta do quanto o sonho havia sido “real”. O interior de suas pernas ainda palpitava. Num gesto desolado, passou os dedos trêmulos pelo cabelo levemente molhado de suor que lhe caía até a nuca. Levantou-se da cama e foi até o banheiro. Diante do espelho, ela olhou-se espantada:

– Sam Durban... você definitivamente enlouqueceu!



Após tocar duas vezes, o telefone na mansão Clark foi atendido por uma voz masculina e educada. O velho Jonathan, mordomo da família há mais de três décadas não se surpreendeu ao ouvir do outro lado da linha que quem queria falar com a senhorita

Laureen, era ninguém menos que Samantha Durban. O casal Brant já havia conversado com ele e explicado a situação. Eles eram amigos de sua querida Laureen há muito tempo e ele jamais se recusaria a ajudar na recuperação dela.

Na verdade ele ainda não tinha entendido exatamente o significado daquilo tudo, mas como sempre fora discreto em tudo que se relacionava à sua patroa, não contestaria.

Ele transferiu a linha para o quarto de Laureen:

– Senhorita Clark, é Samantha Durban. Ela deseja lhe falar.

– Jonathan, faz anos que lhe peço para não me chamar de senhorita. – Laureen protestou brincando.

– Sinto muito, senh... é... Laureen.

– Tudo bem, querido. – ela riu do embaraço do velho mordomo. — Pode passar a ligação.

– Alô, Samantha?

– Oi, Laureen! Desculpe ligar a esta hora... eu... – Sam gaguejou ao telefone, não conseguindo tirar o sonho de sua cabeça.

– Oh, não se preocupe! Eu achei que você viria me ver hoje.

– É... é que eu fiquei no mar até quase o anoitecer e não pude ir vê-la. Acabou ficando tarde.

– Se foi por esse motivo eu a perdôo! – Laureen respondeu. – Eu bem que gostaria de velejar um pouco. Esses dias todos longe do mar estão sendo péssimos!

– Acho que você iria gostar mesmo. Está perfeito para velejar; apesar das correntes frias que já estão chegando. Hoje contornei a Rangitoto Island.

Elas conversaram por quase uma hora. Samantha sentia-se cada vez mais envolvida por aquela voz grave e sedutora que soava ao telefone como se quisesse levá-la ao céu.

Naquela noite ela achou melhor não ir até a casa de Laureen. Não depois daquele sonho! Tinha certeza de que não conseguiria esconder dela o quanto estava se apaixonando. Bastaria que Laureen a olhasse para perceber. Conversaram pelo telefone e isso foi o suficiente para aquele dia.

Não houve outra maneira e no dia seguinte, Sam teve de ir até a mansão dos Clark, senão Laureen desconfiaria.

Laureen a recebeu no living. Seu interesse por Samantha aumentava a cada vez que a via e a ânsia por lembrar-se das coisas que se relacionavam a ela deixavam-na aflita.

A atração entre elas era evidente. Os olhares não conseguiam mentir ou disfarçar, fazendo-as perder o rumo da conversa por várias vezes. Eram adultas e experientes, mas diante daquele sentimento diferente de tudo que já haviam conhecido, as duas mulheres pareciam adolescentes.

O médico havia dito que Laureen poderia fazer qualquer atividade, desde que isso não incluísse esforços de qualquer natureza e Sam convidou-a para um passeio em seu

veleiro, mesmo estando receosa de que ela se lembrasse de tudo em pleno mar e que a situação a deixasse literalmente encurralada.

Combinaram o passeio para a tarde do dia seguinte. Ela sabia que a marina estaria praticamente vazia e a possibilidade de algum outro velejador vê-las juntas seria remota. Qualquer olhar ou comentário poderia fazer com que Laureen percebesse que havia alguma diferença entre elas. E isso a iatista não queria que acontecesse. Pelo menos não antes da hora.



Ajudando Laureen a descer do carro no estacionamento da marina, Samantha pensou no que seus amigos diriam se a vissem naquela cena. Provavelmente achariam que ela enlouquecera. Não que ela tivesse alimentado entre eles a inimizade que a outra velejadora nunca escondeu sentir por ela, mas tudo o que a imprensa divulgava sempre deixava uma marca; mesmo nas pessoas que mais a conheciam.

Já se alguma ex-namorada a visse, talvez tivesse chegado o momento de se arrepender de ter vivido tantos affairs descompromissados. Ao contrário dela, Laureen era discretíssima em seus poucos relacionamentos e Samantha pegou-se querendo não decepcioná-la nisso.

Ela nem bem tinha fechado a porta do carro atrás de Laureen e viu o cenho da velejadora franzir e olhou em direção ao que havia provocado aquela reação: caminhando com seu ar petulante e vindo em direção às duas estava Kerry McLoan, uma tenista conhecida, e com quem Samantha estivera envolvida até poucos dias antes da festa dos iatistas.

E ela mal teve tempo de admitir o arrependimento no qual pensara há poucos segundos antes de Kerry soltar sua primeira flecha de veneno:

– Ora, ora... se não é minha querida Sam Durban! E com Laureen Clark? Meu Deus! Milagres acontecem mesmo! E eu que não acreditava...

– Olá, Kerry. – Sam cortou, seca e séria, vendo que Laureen franzia ainda mais as sobrancelhas diante do comentário.

– Minha querida, não fique brava comigo! Eu vim até aqui para... conversarmos um pouco. – a outra continuou com a provocação. — Laureen deve saber o quanto você é predadora. Afinal, ela deve ler os jornais! E o que houve com você, Laureen? – ela mudou inocentemente de assunto ao ver que já havia feito o estrago desejado.

– Um pequeno acidente doméstico. – Laureen respondeu, estreitando perigosamente os olhos azuis em direção a ela.

– Oh, que pena! Eu sinto muito...

– Foi ótimo ver você, Kerry. Até mais. – Samantha interrompeu a conversa, puxando gentilmente Laureen pelo braço em direção ao píer. Sabia que se não saísse dali o quanto antes, Kerry ainda seria capaz de piorar as coisas.

Sem graça com o fora inesperado, já que sua vontade era alfinetar ainda mais a mulher que havia lhe dispensado sem mais explicações, Kerry emudeceu e ficou vendo as duas se afastarem. Sentiu o ciúme por Samantha espetar-lhe as entranhas. Ainda não

tinha admitido ser chutada e o orgulho ferido levou um nó de raiva incontida até sua garganta.

– Essa... essa ordinária vai pagar pelo que me fez! – explodiu ela entre dentes, voltando para o seu carro. — Se ela pensa que vai me dispensar como faz com as outras e sair ilesa, está enganada!



Apesar da aproximação do inverno, o tempo estava calmo e o veleiro deslizou tranqüilo para mar aberto.

Sentir de novo o ar marinho depois de quase três semanas longe do mar fez com que Laureen esquecesse por alguns momentos aquele embate no estacionamento da marina.

“É óbvio que Samantha esteve envolvida com a tal Kerry. – pensou, sentindo um certo incômodo com a constatação. — Mas o que ela quis dizer com” milagres “?”

No meio do veleiro, manobrando as velas com as escotas, Sam observava Laureen disfarçadamente. Ela estava pensativa desde que entrara no barco e Sam sabia que o motivo era a insinuação que Kerry fizera. Sabia também que ela faria perguntas; e que não tinha certeza do que responder.

Por alguns instantes ela se permitiu admirar o quanto aquela mulher era linda. Os cabelos negros e longos pareciam feitos para serem acariciados pela brisa do mar. Mesmo quieta perto do leme e com o braço imobilizado no gesso, o corpo alto e esguio acompanhava o movimento do barco sobre as ondas.

“Ela é do mar, sem dúvida!” – Sam constatou enternecida.

Querendo ser discreta e inexplicavelmente confiando em Samantha, Laureen resolveu esperar até que ela comentasse o acontecido no estacionamento. Mesmo sabendo que aquilo tinha constrangido a jovem, ela tinha certeza de que haveria uma explicação por parte dela.

Na verdade Laureen não conseguia tirar os olhos de Samantha. A proximidade dela perturbava-a o tempo todo. O sorriso doce com o qual ela lhe presenteava toda vez que seus olhares se cruzavam era a maior prova disso. E apesar do vento constante, Laureen conseguia sentir o perfume dela toda vez que Sam ficava na sua direção para manobrar as velas.

As mãos fortes puxando adriças atraíam os olhos de Laureen tanto quanto o colo belíssimo que aparecia na abertura da jaqueta de nylon que protegia a pele clara do vento e do sol.

Rumando o veleiro para o norte, em direção a Bay of Islands, Samantha travou o leme. Sabia que poderiam velejar assim livremente por algum tempo. Abaixando-se para passar pela última vela, ela chegou perto de Laureen, que havia sentado na popa do barco.

– Quer ir até a proa? – convidou.

– Claro.

Desviando-se das cordas com cuidado, já que só podia contar com um braço, Laureen foi até a proa. Em seu íntimo, o coração saltava: a mão protetora de Sam em suas costas a aquecia e a congelava ao mesmo tempo. Sabia que o comentário de Kerry não tinha sido apenas maldoso e que havia alguma coisa por trás dele, mas aquele contato fazia-a esquecer qualquer coisa que não fosse a sensação de êxtase que provocava.

A voz de Sam trouxe-a de volta:

– Eu travei as velas para ficar livre um pouco.

– Você é livre? – Laureen disparou sem aviso, surpresa com as próprias palavras.

A pergunta inesperada surpreendeu Samantha.

– O que... quer dizer... – ela gaguejou.

– Desculpe perguntar assim tão diretamente, mas... me pareceu que você e Kerry tiveram algum envolvimento e que... ela sabe algo sobre nós...

Elas estavam bem juntas, de pé na pequena proa do veleiro; o vento misturava os cabelos louros com os negros numa proximidade envolvente.

Samantha teve vontade de dizer tudo naquele momento, mas não conseguiu. Num ímpeto, levou a mão às mechas escuras que esvoaçavam pela pele macia a poucos centímetros da sua. Seus olhos percebiam o azul intenso na sua frente, que a devorava de desejo; os lábios entreabertos, ainda com a pergunta a bailar por eles.

– Laureen, eu...

– Na verdade eu não me importo com o que já houve entre nós. – ela interrompeu.

– Não diga isso... você não sabe... não se lembra...

– Só me importo com o que poderá acontecer, Sam! Seja o que for! Desde que vi você ao meu lado no hospital, não consegui parar de pensar em nós!

– Laureen, é muito sério! Quando se lembrar...

– Quando eu me lembrar, tenho certeza de que saberei o que fazer com as lembranças. – Laureen a interrompeu de novo, levando a mão até o rosto de Samantha num pedido mudo.

Ela só conseguiu sentir o toque em seu rosto e fechar os olhos. Sabia que estava sendo irresponsável com seus sentimentos e com os de Laureen, mas não conseguia ignorar o que sentia ao ser tocada por ela.

Levando os lábios até a mão que a acariciava, deixou que seu coração falasse mais alto e dali seguiu para a boca à sua frente.

Toda a maciez que se lembrava de ter sentido no sonho não chegava aos pés das sensações que aquele beijo provocaram nela. Sentia a língua doce e invasora ir de encontro à sua; o braço torneado puxando-a de encontro àquele corpo tenso de desejo, encostando-se no seu e incendiando-o.

As duas mulheres percebiam em seus corpos colados, juntos naquele pequeno espaço, o quanto se queriam. Envolvidas num abraço que parecia uni-las a ponto de sentirem que eram uma só, elas ficaram ali na proa por um longo tempo, deixando o vento cercá-las enquanto o veleiro cortava as ondas.

O fim da tarde ficou frio demais e Samantha levou Laureen até a pequena poltrona perto do leme. Ela sentou-se e aconchegou a mulher mais alta em seus braços, sentindo o calor dela em seu peito. Não sabia no que aquilo tudo ia dar, mas tinha certeza que sua vida seria outra depois daquele passeio.

Sempre se envolvia com outras mulheres de forma superficial, mantendo-as longe de seu coração. Havia preferido focar sua vida nas competições e criara uma imagem de competidora fria e calculista que se estendeu para sua vida pessoal. Acostumara-se a envolvimento rápidos, baseados em sexo e conquista, mas diante de Laureen sentia-se uma adolescente descobrindo o amor.

Até aquele momento tinha sido difícil para Laureen se conter. Samantha significa alguma coisa em sua vida que ela não sabia, mas tinha uma certeza plena em seu coração de que esse significado, fosse o que fosse, não seria maior do que o amor que estava sentindo. Estava apaixonada por ela. Era estranho admitir isso, mas era assim que se sentia.

Estava incredivelmente tranqüila, encostada no peito dela. Tinha a sensação de estar saindo de uma tempestade e chegando a um lugar onde os tormentos dos quais não se lembrava; mas tinha uma vaga sensação do quanto eram pesados, não a atingiriam mais.



O sol fraco espalhava seus últimos raios alaranjados quando chegaram de volta ao pier. O frio noturno se anunciava através do tecido fino das jaquetas que usavam e Samantha quis levar Laureen para casa o quanto antes.

Ao descerem do barco ela percebeu um brilho discreto no alto de um pequeno prédio ao lado da marina, mas era longe e ela não deu importância. Olhando para Laureen sentada ao seu lado no carro, percebeu que ela estava cansada. Apesar do passeio ter sido tranqüilo, ela ainda não podia se esforçar tanto.

Com carinho, tocou os cabelos desalinhados pelo vento:

– Vou levar você para casa, querida.

Laureen olhou para ela e naqueles olhos azuis, Samantha viu que não estava sozinha no que sentia. Pela primeira vez em sua vida, sentiu que amava e era amada de verdade.

– Você não está pensando em me deixar em casa e ir embora, está? – Laureen perguntou, beijando de leve os dedos longos em seu rosto.

– Não sei...

– Por favor, querida! Quero dormir abraçada a você...

– O problema é que... – Sam gaguejou, rindo de seus próprios pensamentos.

– Que problema?

– O problema é o seu braço...

– Ah, meu amor! Meu braço não é problema!

– Ah, é sim! – Sam respondeu zombando. — Vai ser difícilimo me comportar ao seu lado...

– Não precisa se comportar... – Laureen argumentou, vindo beijá-la com um ar de malícia.

– Claro que preciso! E você também!

Chegando mais perto, Laureen beijou-a, cheia de paixão. Dentro do carro apertado, aquele desejo todo era difícil de controlar.

– Oh, meu Deus! Parece tão irreal isso tudo! – Samantha exclamou, com os lábios ainda colados à boca de Laureen.

– Porque irreal, meu amor?

– Por que você está me oferecendo um amor que desconheço. Nunca me apaixonei assim, Laureen! Sempre me envolvia superficialmente com todas as mulheres que tive. Fui até leviana, deixando que todo mundo soubesse com quem eu estava saindo; deixando minha vida ser revirada pelos tablóides!

– É disso que você tem medo que eu saiba, que eu me lembre? Não é muito louvável, mas...

– Não, meu amor, não é disso que tenho medo. É muito mais que isso... e agora que tenho você, não quero perdê-la por nada!

– Você não vai me perder. Seja o que for, saberei enfrentar.

– Espero que sim... – Samantha exclamou com os olhos cintilando de paixão e esperança.



Na cama de Laureen elas se beijaram com amor até adormecerem. Ela estava cansada e era melhor não fazerem amor por causa do braço dela. Isso foi praticamente impossível de controlar, tanto era o desejo de se amarem, mas só o fato de estarem juntas as preenchia por completo.

Na manhã seguinte, Laureen acordou sob os beijos apaixonados de sua velejadora. Olhava-a e sentia que seu mundo estaria inteiro dali em diante. Não lhe faltava nada estando ao lado dela.

Ela ligou para Jonathan na copa e pediu que ele servisse o café da manhã na sala anexa ao seu quarto.

– Quer tomar um banho? – ela perguntou, abraçada a Samantha.

– Só se for com você. – a loura respondeu, apoiando a cabeça numa das mãos.

– Então venha!

No chuveiro Laureen tinha de proteger o braço engessado da água, mas o corpo perfeito e nu de Samantha enroscado ao seu foi impossível de resistir. Já tinha sido difícil demais dormirem juntas e não terem se amado.

O box de vidro foi embaçando aos poucos com o vapor quente que as envolvia. Numa loucura de desejo, elas se esfregavam num encontro molhado de pêlos macios. As

pernas musculosas de Laureen tomaram seu lugar no meio do sexo pulsante da jovem loura e ela sentiu-se contrair mais ainda quando a mão forte encontrou seus pêlos e seu interior sedento de prazer.

– Querida, não podemos... você ainda está fraca... – Sam tentou falar.

– Não estou fraca, amor... não para te amar!

Entrando mais na carne lisa e quente, Laureen sentiu sua mulher contraindo-se contra seus dedos, que deslizaram devagar, fazendo a respiração dela parar por um momento. Ela deliciou-se naquelas sensações, sentindo Samantha vindo de encontro aos seus dedos.

– Oh, Laurie, penetre-me, querida... por favor!

Com a paixão queimando suas peles juntas e molhadas, Laureen enfiou os dedos longos no vão quente de Samantha, entrando e saindo num ritmo cada vez mais rápido. A jovem sentiu-se possuir pelo prazer e abriu mais as pernas. O gozo crescia dentro dela enquanto os dedos da bela morena mexiam-se vigorosos.

Mas sem aviso, Laureen afastou-a da água que caía e abaixou-se, tirando os dedos e no lugar deles, penetrou-a com a língua dura, sedenta do perfume feminino que emanava do centro de Samantha.

Tomando os cabelos negros e molhados em suas mãos, Sam jogou-se ao encontro do prazer que explodia entre suas pernas, gozando e pulsando na boca de Laureen.

Ela levantou-se e cobriu seu amor de beijos, dificultando ainda mais a respiração ofegante que Samantha tentava controlar.

Antes que Laureen percebesse, Sam já a arrastava para fora do box, levando-a para o meio dos lençóis ainda desarrumados. Os corpos molhados rolaram na cama e foi a vez de Laureen se dar completamente à mulher que amava.

Sam beijou-a lentamente, sorvendo cada gota de água que salpicava o corpo moreno. Os bicos duros e excitados de seus seios acariciavam a pele de Laureen, fazendo-a gemer de prazer enquanto descia seus lábios lentamente pelo pescoço e colo dela. Com a ponta da língua, fez o caminho que passava pelo abdômen reto, parando demoradamente em alguns lugares, mordendo com volúpia.

Laureen agarrou-se aos cabelos molhados que acariciaram suas coxas, enquanto sentia a língua de sua amante abrindo seu sexo embebido em prazer.

Samantha sugou o íntimo de sua mulher como quem bebe um licor dos deuses. As coxas longas estavam tensas, mas mostravam-lhe o centro inchado, pedindo para ser sugado ainda mais. Ela pegou-o com força entre os lábios e sentiu o quanto estava duro e o quanto Laureen estava próxima do gozo com o grito abafado que soltou.

– Oh, meu amor, assim... faça assim... não pare...

Abraçando Laureen por baixo das pernas, Sam trouxe-a mais para si, fazendo-a sua no orgasmo que fez sacudir aquele corpo maravilhoso. Mergulhou sua boca no néctar quente que vinha de dentro dela, enquanto os espasmos de prazer vinham em ondas intermináveis.

– Sam! Estou gozando, querida, ohh...



Espalhadas sobre a cama ainda meio molhada pela água do banho, elas ficaram contemplando uma à outra. Nenhuma das duas havia se apaixonado tanto quanto estavam agora.

Laureen estava embevecida pelo amor que sentia e que via no reflexo verde dos olhos de Samantha.

– Sam?

– O que foi, amor? – ela respondeu, levantando a cabeça do colo de Laureen e apoiando-a com uma das mãos.

– Amo você!

Samantha sentiu um fio de gelo correr por suas veias e fazer seu coração disparar feito louco. Não esperava que Laureen falasse de sentimentos tão cedo, mas sua alegria em ouvir aquela frase foi tanta que fechou os olhos por um momento, saboreando toda aquela felicidade repentina em sua vida.

Recusou-se a pensar que tudo aquilo acabaria no momento em que Laureen se lembrasse do passado. Queria ter o amor dela mesmo que fosse por pouco tempo. Naquele instante, resolveu que ela mesma contaria a Laureen tudo que acontecera em suas vidas antes daquela festa. Sabia dos conselhos médicos, mas não mentiria para a mulher que amava. Laureen poderia odiá-la pelo que tinha acontecido no passado, mas nunca por enganá-la escondendo a verdade.

Laureen ficou olhando-a um pouco apreensiva, com medo de ter se precipitado.

– Sam...?

Ela abriu os olhos e beijou Laureen apaixonadamente.

– Eu também amo você, querida! Amo tanto...

Laureen sorriu e puxou-a para si.

– Nossa! Achei que tinha falado demais e assustado você!

– Não, não é isso. Mas precisamos conversar. Você precisa saber de muitas coisas...

Nesse instante, o som discreto da campainha que Jonathan usava para avisar Laureen de que o café já estava servido na saleta ao lado do quarto interrompeu Samantha.

A dona da casa espreguiçou-se e levantou, beijando-a com carinho.

– Venha tomar o café da manhã, meu amor. Depois conversamos.

– Está bem. – ela respondeu, um pouco frustrada, pois sabia que isso adiaria a conversa e não queria esperar mais.

Elas vestiram robes e foram para a saleta. Laureen estranhou ao ver Jonathan parado na porta. Ele sempre servia o café e saía imediatamente, ainda mais sabendo que ela estava acompanhada.

– Jonathan, o que houve?

– Senhorita Clark... bem... não tenho uma boa notícia.

Uma sobrançelha negra levantou-se, interrogativa:

– É sobre alguém que conheço?

– Na verdade é sobre você e a senhorita Durban. – ele explicou, constrangido.

– Sobre nós?! – Laureen exclamou, olhando para Samantha sem entender.

– Está aqui... nos jornais. – o mordomo falou, estendendo um tablóide para sua patroa e pedindo licença para sair.

Laureen pegou o jornal e sentou-se. Samantha ficou de pé perto dela para ler a notícia:

“Velejadoras inimigas agora estão apaixonadas.”

As letras enormes eram acompanhadas de duas fotos delas no estacionamento da marina, juntas dentro do carro. Em uma delas, elas se beijavam.

– Oh, meu Deus! – Laureen exclamou, pasma.

– Maldita Kerry! - Sam exclamou, estremecendo dos pés à cabeça. Num relâmpago, ela lembrou-se do brilho que tinha visto no alto do prédio ao lado do estacionamento. Com certeza Kerry teria dado a dica ao jornal que as flagrara. — Era a lente de algum fotógrafo refletindo os raios de sol! – ela explodiu, fechando o punho para segurar a raiva.

– Do que está falando, Sam? – Laureen não estava entendendo.

– Eles tiraram essas fotos ontem, Laurie! Quando fomos para o estacionamento da marina, me lembro de ter visto um brilho metálico no alto de um prédio próximo. Era a lente de algum fotógrafo! Eu deveria ter percebido antes! Já fui vítima desse tipo de reportagem. E tenho certeza que foi Kerry quem avisou a eles sobre nós.

– Você não teve culpa, querida. Mas o que eles quiserem dizer com “inimigas”?

Samantha gelou de novo. Tinha chegado a hora de conversar.

Ela encheu os pulmões de ar na tentativa de conseguir alguma força e começou a falar:

– Bem, Laureen. Era sobre isso que eu queria ter conversado com você antes do café.

– Não consigo imaginar em que poderíamos ser inimigas! – ela riu, entrelaçando seus dedos nos de Samantha.

– Na verdade em nada. Não para mim; mas para você somos inimigas.

– Como... para mim?! – ela perguntou, incrédula.

– Querida, você não se lembra, mas nos conhecemos há uns cinco anos. Nunca fomos amigas, mas quase sempre nos revezamos nos primeiros lugares de qualquer competição de iatismo. Há quatro anos atrás um fato muito triste e a forma como você o encarou nos deu essa fama.

– O que aconteceu?

– Ainda não se lembra, mesmo eu falando isso? – Sam perguntou com esperança.

– Não!

– Meu Deus, Laureen! É tão difícil para mim, falar disso para você! Seu médico me deu ordem para esperar que você se lembrasse, mas diante desse jornal e do fato de estarmos apaixonadas não há mais como esperar!

Ela levantou-se e andou pelo quarto tentando dissipar o nervosismo.

Laureen foi até ela e abraçou-a. Sentia-se péssima por não se lembrar de algo tão importante. E a cada frase de Samantha, parecia-lhe que isso as afastaria.

– Fale, Sam. Seja o que for, terei de enfrentar.

Samantha engoliu em seco.

– Está bem. Sente-se aqui comigo. – ela pediu, puxando a morena até a mesa. — Laurie, há quatro anos atrás, eu participava de uma regata em Sidney. Você também participava e na sua equipe estava o seu irmão Mark.

Samantha viu que mesmo ao ouvir o nome do irmão ela ainda não se lembrava de nada.

– Eu tenho um irmão? – ela gaguejou incrédula com aquela informação.

– Você não tem mais, querida.

– Oh! Como não? Ele...

– Sim, ele morreu. Mark sofreu um acidente naquela regata. Ele caiu no mar na frente de um barco que vinha logo atrás.

– Oh, meu Deus! – Laureen levantou-se completamente desnordeada com a informação. Sentiu o quarto rodar e procurou o apoio de Sam para não cair.

– Calma, calma! Você precisa deitar-se um pouco.

– Não, não. Estou bem. Por favor continue. – ela pediu.

Sam levou-a de volta à cadeira e abraçou-a. Seu coração estava aos trancos, mas tinha de falar. Dali em diante tudo dependeria de Laureen e não dela.

– Está bem. – ela limpou a garganta. — O barco que vinha atrás estava muito próximo e não pôde desviar a tempo quando Mark caiu. A prova estava sendo televisionada ao vivo e o mundo todo viu o seu desespero quando ele caiu. A imprensa sensacionalista explorou o fato o quanto pôde. E você... você acusou o condutor do barco. Chamou-o de assassino na tv. – Sam completou, com uma tristeza pesada no olhar.

– Mas como eu fiz isso? Era verdade? Ele era culpado mesmo?

– Não, não era. A comissão que investigou o acidente provou que não havia mesmo tempo de desviar o barco.

– E eu acusei uma pessoa injustamente?

– Laureen... – ela respirou fundo para falar. — Você ainda acusa. Apesar do tempo que já faz, você não aceita isso. Para você o condutor do barco é culpado pela morte do seu irmão.

– Mas... isso é injusto! Sei disso como sei que estou viva! Como esse cara deve se sentir comigo não acreditando nele?!

– Ela se sente péssima. – Sam deu o último lance.

– Ela?! – os olhos azuis se arregalaram.

– Lauren... – ela engoliu em seco e se esforçou para falar. — Quem conduzia aquele barco era eu.

– Mas... oh meu Deus!

Laureen levou as mãos ao rosto e viu tudo passar diante de seus olhos: a largada da regata, Mark de pé, segurando uma das velas, os dois barcos lutando pelo primeiro lugar, a manobra inesperada e a queda de seu irmão na água. O grito que deu ao vê-lo cair soou de novo em seus ouvidos e ela levou as mãos aos ouvidos, sentindo pontadas ininterruptas, como se seu cérebro fosse explodir.

Quando abriu os olhos, viu Sam diante dela. A cena do acidente desapareceu de sua mente e ela se lembrou da festa, de tê-la visto de longe, da conversa com Susan, da bebedeira e de que corria demais com o carro. Levantando-se abruptamente, ela olhou para Samantha como se tivesse vendo um fantasma. Esfregava as têmporas num desespero incontrolável.

Sua respiração estava alterada e ela só pensava no que tinha acontecido depois do acidente: as visitas de Samantha no hospital, o passeio no veleiro, a noite anterior, o banho em que tinham se amado tanto e... o seu amor por ela.

A sala começou a rodar e ela só sentiu que alguém a segurava. Ouviu bem longe os gritos que chamavam por ajuda.

Ela havia desmaiado.



Quando acordou no hospital, Lauren percebeu algumas vozes à sua volta. Ao abrir os olhos, viu o rosto familiar do neurologista que tinha atendido-a depois do acidente. Ela sentiu um sono sem controle; e antes de fechar os olhos de novo, conseguiu pensar que devia estar sedada.

Mais um tempo depois ela abriu os olhos de novo, mas dessa vez quem viu foi Samantha, sentada numa poltrona próxima. Ela não percebeu que Lauren a olhava; estava pensativa, olhando pela janela; o rosto contraído numa expressão de dor e preocupação.

Laureen não sabia explicar o que sentiu ao vê-la ali. Era uma enxurrada de sentimentos contrários, de ódio e amor, raiva e paixão. Sua cabeça repetia um emaranhado de imagens do acidente de Mark e do dela; os momentos de amor com Samantha e as vezes que a acusara de assassina nos jornais. Ela começou a chorar. A garganta estava sufocada com aquela dor; as lágrimas correndo grossas pelo rosto largo.

Samantha levantou-se e percebeu que ela estava acordada. Chegou perto da cama devagar e viu o rosto molhado pelas lágrimas.

– Laurie... – ela chamou, sentindo o coração apertado, diminuído em seu peito.

Laureen virou o rosto para o outro lado, sem responder.

– Laurie... por favor... – Sam repetiu, angustiada.

– Por favor, vá embora... – ela pediu. Não conseguia olhar para a jovem parada ao lado da cama. Se pudesse, sairia correndo dali; para um lugar onde não visse ninguém, onde pudesse esconder sua dor.

Samantha já esperava por aquela reação. A angústia em seu coração transformou-se em um choro silencioso e cheio de tristeza. Ela afastou-se sem falar nada. Fechou a porta lentamente e saiu.



Ao chegar em sua casa, ela ainda teve de enfrentar alguns repórteres de tablóides que a esperavam. Ela passou rapidamente pelo portão, só parando para dizer ao porteiro que não deixasse ninguém entrar.

Deitada em sua cama por horas, Samantha chorou até dormir um sono agitado e cheio de pesadelos. A perda de Laureen era demais para ela.



Ainda no hospital, Laureen também tinha seu coração despedaçado de tristeza e contradições. Não admitia que amava Sam, mas sentia a dor de não tê-la ao seu lado.

Sua amiga Susan chegou bem na hora em que o médico lhe dava alta e pedia que evitasse emoções fortes até se recuperar melhor.

Susan já adivinhara o que havia acontecido só de saber que ela tinha perdido os sentidos. Levou-a para o carro e teve a confirmação nos olhos tristes e avermelhados da velejadora.

– Vocês conversaram? – Susan perguntou, cautelosa.

– Sim.

– Quer falar sobre isso, Laurie?

Ela respirou fundo e jogou a cabeça no encosto do banco.

– Eu não sei, Su! Estou... desnorteada, incrédula, enfurecida! Tudo que você imaginar. – desabafou.

– Eu sei, minha querida.

– Nunca pensei que isso pudesse acontecer comigo!

– Não sei se é uma boa hora para falar sobre esse ponto do assunto, Laureen, mas acho que esse sofrimento todo não é necessário.

– Como não, Susan!? Sofri um acidente, perdi a memória; por causa disso me envolvi com a mulher que mais odeio e você acha que isso tudo não é necessário!? – Laureen respondeu, exasperada, os olhos cintilando de raiva.

– Você sabe bem do que estou falando... – Susan olhou-a firme, na intenção de fazê-la enxergar a realidade.

– Você tem razão, Susan! Não é mesmo uma boa hora para falarmos nisso. Nunca será; posso lhe garantir! Sam Durban foi uma peça que minha perda de memória me pregou, nada mais que isso.

– Acho que não foi bem a sua memória quem lhe pregou essa peça. – a amiga murmurou.

Distraída com seus próprios pensamentos, Laureen não ouviu o comentário de Susan. Sentia uma raiva enorme de si mesma:

“Como fui me envolver com ela?! Como pude?!”



Os jornais continuaram a explorar o assunto do envolvimento delas por mais uma semana. Como nenhuma das duas velejadoras deu qualquer explicação, a notícia perdeu a importância e logo apareceram outras mais escandalizantes para serem publicadas.

Para Samantha foi pior, pois além dos jornais, alguns amigos também quiseram explicações; e a eles ela não podia negar o que havia acontecido. Mesmo porque, precisava dividir com alguém o seu sofrimento por ter perdido Laureen.

Sua única alegria eram as tardes em que saía para velejar e seu querido amigo Jean Dirrot acompanhava-a. A tristeza dela era evidente no olhar apagado, e ele ficava preocupado se ela saía sozinha para velejar. Ele também foi um grande apoio para Samantha. Ouvia-a falar de Laureen com toda paciência, tentando ajuda-la a sair daquele marasmo.

Ele conhecia Laureen por ter feito parte da equipe dela alguns anos atrás. No fundo sabia que a velejadora tinha uma grande mágoa da perda do irmão e que precisava colocar a culpa em alguém pela perda que não aceitava. Sabia também da grande mulher que Laureen era, e por isso tinha esperança de que elas se entendessem.

“Laureen só precisa deixar de ser teimosa.” – ele pensou, olhando Sam parada na proa do veleiro, enquanto rumavam para a marina de Westhaven após velejarem várias horas.

– Vamos lá, Sam! Você não pode ficar assim! – ele tentou anima-la, aproximando-se e esfregando o braço dela com carinho.

Ela olhou para ele com um sorriso sem graça e suspirou.

– Não consigo ficar sem ela, Jean! Isso está doendo tanto...

– Eu imagino, querida. Mas você não pode fazer nada. Deixe que ela fique com seu ódio. Existem montes de mulheres lindíssimas que adorariam estar no lugar dela. – ele tentou aconselhar.

– É, mas elas não estão. Hoje vejo o quanto estava sendo fútil com a vida que levava. Se eu juntar tudo que tive com todas essas mulheres, todo esse tempo; não terei metade do que tive com Laureen em um mês.

– Sei que ela é maravilhosa, Sam. Já fiz parte da equipe dela, lembra?

– Ela nunca foi namorada, não é? – ela perguntou com um tom de admiração na voz.

– Não. Eu conheci apenas as duas últimas namoradas dela. E isso foi no período de três anos em que fiquei na equipe. Elas raramente apareciam no pier quando estávamos em treinamento e se a imprensa assediava para uma entrevista, Laureen sempre dava um jeito de escapar levando a namorada com ela e protegendo-a dos jornalistas.

– É... eu, ao contrário, sempre me diverti com isso! – Sam reconheceu. — Deixei minha vida exposta achando que isso me manteria ocupada o suficiente para não me apaixonar. Isso só fez com que Laureen me odiasse ainda mais porque a fez ter certeza de que eu era imprestável.

– Ora, também não é assim...

– Oh, é sim, Jean! Quer coisa pior? Ela tem certeza da minha culpa pela morte de Mark e eu sou uma lésbica que adora mostrar suas farras nos jornais! O que mais ela poderia odiar em mim? Meus olhos verdes? – ela brincou com amargura.

– Tudo bem, tudo bem! Agora venha me ajudar com o stoper e esqueça isso, ok?



Os três meses de um inverno rigoroso se passaram devagar, e Laureen se recusava a falar sobre o assunto com quem quer que fosse. Susan até tentou algumas vezes, mas sem sucesso. Ela via com pesar sua amiga afundar-se na tristeza e de novo nos vinhos, depois que os remédios para o braço foram suspensos.

Laureen não chegava a se embriagar, e também não bebeu mais quando ia dirigir, mas Susan percebia que ela usava o fato de beber sozinha como uma fuga, para tentar encobrir a falta que sentia de Samantha.

Ela se recuperou bem da cirurgia e a fisioterapia intensa ajudou na volta ao veleiro. No começo foram apenas algumas saídas até a orla de Browns Bay. Por vezes ela também saiu como passageira no barco de Tom e Susan, apenas para se distrair um pouco.

Ela tentou infinitas vezes, todos os dias e até mesmo em seus sonhos, mas o ódio não conseguiu superar o amor que sentia por Samantha. No início, quando se lembrou de tudo, obrigou-se a pensar que dali a pouco tempo tudo estaria como sempre fora, mas o coração enganou-a, dizendo-lhe a toda hora que queria Samantha; que não poderia viver sem ela.

A contradição de sentimentos e vontades deixava-a insone, torturada todas as noites com longas horas de um sono cheio de sonhos com a jovem loura. Ela acordava muitas vezes sobressaltada, o corpo tremendo de desejo. Muitas vezes ela chorou sentada na cama, lutando contra o que sentia e queria, sem admitir o amor que lhe tirava o sono.

Ela tentava a todo custo pensar somente nos treinamentos para poder voltar o quanto antes às competições. Apesar do braço já estar bom, levaria tempo até chegar à sua velha forma e poder competir de igual para igual com as outras velejadoras. Teria também de encontrar novos patrocínios já que as competições de verão começariam em poucos meses.

Essa era a parte de ser velejadora que ela mais detestava, apesar de quase sempre ter gozado de certos privilégios para conseguir patrocínio, por causa de sua longa lista de vitórias e de ter bons amigos que investiam em patrocínio esportivo.

Foi pensando nisso que ela entrou em seu escritório e na agenda de telefones, escolheu o número do diretor de uma renomada relojoaria suíça, conhecida no mundo todo por seus relógios esportivos. Ele era um iatista amador, mas apaixonado pelo esporte, grande amigo de sua família e sempre fizera questão de financiar os projetos de Laureen.

A secretária a conhecia e ficou visivelmente feliz ao atendê-la:

– Srta. Clark! Que bom saber que voltará a competir! Imagino que gostaria de marcar uma hora com o Sr. Anderson.

– Sim, Marge, eu gostaria. Talvez ele esteja de bom humor e resolva me patrocinar de novo. – ela acrescentou, num bom humor raro ultimamente.

– Tenho certeza que sim, Srta. Clark! Que tal amanhã, às 17:00 h?

– Seria ótimo! Estarei aí. Obrigada, Marge!

– Disponha, Srta.

No dia seguinte o tempo estava chuvoso e Laureen resolveu deixar o treinamento de lado. Preferiu ficar na sala de ginástica e fortalecer mais ainda o braço.

Susan apareceu e almoçou com ela. Recusou propositalmente a taça de vinho que Laureen lhe ofereceu, no intuito de fazê-la entender que deveria parar com aquilo.

– Não, obrigada, Laurie. Não quero beber agora. E você também não deveria.

– Ok, ok, Susan! Já entendi! – ela respondeu com contrariedade, colocando a taça de volta na mesa.

– E não faça essa cara! Você já deveria ter aprendido a lição!

Num suspiro de impotência, ela olhou para Susan com tristeza, depois baixou os olhos de novo.

– Sabe, Su, sei que não deveria, mas me sinto bem. Parece que toda essa tensão que me cerca vinte e quatro horas se esvai um pouco quando tomo um vinho.

– Essa tensão tem um nome... – Susan revolveu cutucar.

– Tem, mas você sabe que não quero falar nisso! – ela respondeu, endurecendo o olhar imediatamente.

– Deveria. Vocês se amam e estão separadas por... por... sei lá o quê! Já nem sei mais o motivo que faz com que você se recuse a aceitar isso!

– Hoje à tarde vou ao escritório do meu amigo George Anderson, da Tissot. Você acha que ainda consigo patrocínio para a temporada de verão? – Laureen atravessou, ignorando completamente o comentário e mudando de assunto sem se importar com o que Susan pensaria.

Susan bufou, frustrada de novo. Ela segurou-se para não ir até a outra cadeira e sacudir sua amiga até fazê-la acordar para a verdade que lhe balançava diante dos olhos. Mas ela processou imediatamente a informação que Laureen acabara de lhe dar e isso fez uma idéia maluca brotar em sua mente. Saber onde Laureen estaria no fim do dia era tudo que ela precisava. E também de um pouco de sorte para Samantha não ter saído para velejar naquela tarde.



Samantha se enxugava ainda no banheiro quando o telefone do seu quarto tocou. Sua governanta anunciava que do outro lado da linha Susan Brant queria falar com ela.

Ela e Susan tinha conversado por telefone há pouco mais de uma semana, mas o pensamento de Sam foi imediatamente para Laureen, temendo que algo tivesse acontecido a ela.

– Alô, Susan? Sim, sou eu. O que houve? – ela atendeu um pouco assustada.

– Não se preocupe, Sam! Está tudo bem. Eu apenas queria conversar um pouco com você.

– Bem, desculpe. É que eu pensei... bom deixe para lá. Com vão você e Tom?

– Estamos bem, querida. Eu estou ligando porque estive com Laureen hoje no almoço.

Do outro lado da linha, um silêncio curto fez Susan ter certeza de que teria mesmo de fazer alguma coisa para tirar suas duas amigas daquela situação.

– Ahh... e ela está bem? – Sam conseguiu perguntar enfim.

– Fisicamente está.

– Fisicamente?

– É, Sam! Ela se recuperou bem e até já voltou a treinar. Mas sente sua falta mais do que tudo na vida. Só que não admite isso.

– Pessoalmente duvido muito disso, Susan. – ela respondeu com amargura na voz.

– Pois não duvide, Sam! Só me diga o que vai fazer hoje à tarde!



Laureen estacionou o carro em meio ao jardim bem cuidado que recepcionava os visitantes da relojoaria.

Marge recebeu-a e logo ela entrou para a sala do seu velho amigo.

– George, como vai? – ela falou estendendo a mão para ele.

– Muito bem, minha querida! Então quer dizer que está voltando à ativa? – ele perguntou puxando-a para dentro de seu abraço quase esmagador.

– Oh, sim! E com toda vontade!

– Fico muito feliz por isso, minha filha! Você sempre foi uma vencedora e senti sua falta nas competições.

– Obrigada.

– E o seu patrocínio ficou esperando a sua volta.

– Como esperando? – ela perguntou surpresa.

– Você deve ter percebido que meu logotipo não estava em nenhuma vela nas últimas regatas, não?

– Bom, é verdade! – ela recordou as disputas que assistiu pela tv.

– Pois então! Não patrocinei ninguém até você poder voltar a ostentar meus relógios nas suas velas vencedoras! – ele exclamou passando a mão pelo cabelo grisalho.

– Oh, George, eu não imaginava... fico extremamente grata por isso!

O velho senhor deu a volta em sua mesa e foi até ela. Tomando-lhe ambas as mãos ele beijou-as enquanto a olhava com admiração.

– Minha querida! Fui amigo do seu pai e considero você como minha filha; mais ainda depois que ele e sua mãe se foram, você sabe disso! O patrocínio da Tissot não é nada mais que o reconhecimento ao seu talento!

Ela abraçou seu amigo, cheia de agradecimento. Os olhos azuis cintilando de alegria pelo reconhecimento. Tinha muita sorte em ter um patrocinador exclusivo, pois no mundo do marketing esportivo, pessoas ou empresas que estavam dispostos a colocar seu dinheiro em um atleta, além de raros, eram, muitas vezes, a própria figura do interesse e da arrogância.

Ele fez questão de que ela o acompanhasse em um café, enquanto lhe perguntava detalhes do que planejava para a próxima competição. Conversaram por mais de quarenta minutos, com Laureen cheia de entusiasmo, contando de sua recuperação e dos treinos.

Quando ela voltou ao estacionamento, viu que o tempo estava fechando e uma chuva fina já caía ao norte da cidade. Ela tinha planejado algumas compras, mas resolveu ir para casa, pois detestava dirigir na chuva.

Ao entrar em casa, uma chuva forte começou a cair e ela viu no relógio do hall que eram quase sete da noite. Tirou seu casaco enquanto pensava que uma taça de vinho antes do jantar lhe cairia bem e chamou por Jonathan:

– Jonathan? Poderia abrir um vinho para mim?

– Talvez você prefira deixar o vinho para depois...

A voz conhecida entrou em seus ouvidos e a fez gelar de cima a baixo. Mais dois passos e ela viu Samantha Durban de pé, encostada num dos pilares da sala de visitas. A boca seca só não foi mais torturante que o tremor que tomou conta dela. Seu coração se descontrolou completamente e por um segundo ela não soube o que dizer.

– O que você está fazendo na minha casa? – ela finalmente conseguiu falar, depois de vacilar por um momento que lhe pareceu uma eternidade.

– Quero falar com você, Laureen. – Samantha respondeu, esperando qualquer reação por ter literalmente invadido a casa.

– Onde está Jonathan? Como ele a deixou entrar? – a voz de Laureen já mostrava a raiva que seus olhos faiscavam.

– Ele não tem culpa de nada. Foi Susan quem veio até aqui e me deixou entrar.

A raiva de Laureen beirou a cólera quando ela ouviu isso. Lembrou-se que tinha dito a Susan que sairia à tarde e que ela deveria ter usado sua ausência para trazer Samantha até ali. Sua cabeça rodava e a proximidade daquela mulher não permitia que pensasse direito. Viu o cabelo macio agora um pouco mais longo que há três meses, a

pele clara coberta de pequenos pêlos louros, os olhos intensos que não conseguiam desgrudar dos seus.

– Saia da minha casa, Samantha! – ela gritou, tentando afastar o desejo que aquela imagem a fez sentir de novo.

– Não sairei enquanto não conversar civilizadamente comigo e me dizer, olhando nos meus olhos, que não me ama e que definitivamente não me quer na sua vida. – Sam retrucou, indo até onde Laureen estava e ficando a poucos passos dela.

– Eu amo você e não aceito que esse ódio nos separe. – ela continuou. — Pensei em você todos os minutos desses meses todos! Chorei todas as noites e mudei minha vida por sua causa! Quando me apaixonei por você, vi o quanto estava sendo idiota deixando minha vida ir para os tablóides todas as semanas. Percebi que fazia isso para me proteger, para evitar me envolver com alguém a ponto de me apaixonar! Você me fez ver o quanto eu era fútil e tola! Encontrei o amor de verdade na doçura dos seus olhos, na sinceridade do seu coração porque sei que a “verdadeira” Laureen também se apaixonou por mim! Quando você me atacava pelos jornais, me acusando de uma morte que não provoquei, cheguei a ficar com ódio de você, mas nunca disse isso a ninguém. E quando vi, tinha socorrido você em um acidente e entrei na sua vida de uma maneira que não daria mais para voltar atrás. Amei e amo você porque sei o quanto seu coração é capaz de amar também, Laureen! Em seus braços passei os melhores momentos da minha vida até hoje!

Ela parou por um momento e viu que Laureen estava congelada na sua frente; os olhos tinham uma expressão indecifrável.

O corpo de Samantha tremia e ela baixou os olhos numa derrota exausta. Tinha feito tudo que podia; dito tudo o que sentia e Laureen estava simplesmente parada diante dela, sem dizer nada. Uma lágrima grossa correu em seu rosto vermelho e ela quis sair dali.

– Bem, eu... acho melhor ir embora. – ela conseguiu dizer, tentando deter as lágrimas de tristeza que insistiam em rolar dos seus olhos.

Ao dizer isso, ela pegou a chave do carro sobre o aparador e saiu, fechando a porta pesada atrás de si e deixando a chuva intensa lhe ferir o rosto.

Quando o som da porta batendo chegou aos ouvidos de Laureen, um estalo trouxe-a para a realidade e tudo o que ela conseguiu entender foi que amava Samantha desesperadamente e que não poderia perdê-la. Os últimos quatro anos de sua vida lhe passaram diante dos olhos, num filme triste, recheado de mágoa, raiva e inconformismo.

Ela percebeu que se quisesse ser feliz, teria de deixar tudo isso no passado.

Um segundo depois ela estava em frente à mansão, debaixo da chuva que caía sem piedade e viu Samantha entrar no carro estacionado a alguns metros.

Num desespero sobre-humano, ela correu até a porta do carro, e antes que Samantha a fechasse, ajoelhou-se diante dela e segurou o braço molhado num pedido que jamais se imaginara fazendo:

– Sam, não vá embora! Por favor, me perdoe! Eu amo você mais que tudo!

Não foi preciso mais do que isso. Os cabelos e roupas encharcadas envolveram-se num abraço apaixonado de entrega absoluta. As bocas encontraram-se numa urgência torturante; o desejo pulsando nos corpos ansiosos por amor.

Laureen beijou aqueles lábios com ansiedade, deixando depois sua boca explorar o rosto e o pescoço molhados, enquanto balbuciava palavras desconexas de paixão.

– Perdão, querida! Perdão! Eu a amo... eu a quero!

Samantha se agarrava nos cabelos encharcados, sentindo a chuva chicotear sua pele sem se importar. Queria apenas sentir os braços de sua amada à sua volta, envolvendo-a com força.

– Não me peça perdão, Laurie, apenas me ame... para sempre!



Louca de excitação e beijando cada parte do corpo moreno que ficava à mostra depois que ela tirava cada peça de roupa molhada, Samantha só desejava sentir de novo na boca, o gosto da mulher que tanto amava.

Loucas de tesão em cima da cama de Laureen, elas se entregavam ao doce sabor do desejo sendo saciado.

Elas rolaram pela cama se excitando mais e mais. As mãos ousadas explorando cada detalhe dos seios duros, dos corpos arrepiados.

Os dedos de Sam abriram o espaço escondido entre os pêlos curtos, encontrando a umidade quente da excitação que ela via estampada nos olhos de Laureen. Com fome daquele sexo, ela entrou com os dedos e sentiu a resistência natural se fechando em volta deles, fazendo com que seu próprio centro se contraísse de desejo.

Laureen contorceu-se ao sentir a penetração, mas queria mais; queria ser tomada de amor; queria aqueles dedos entrando e saindo do seu corpo, explorando-a e lhe dando prazer.

– Mais forte, querida... mais! – ela pediu.

Entre as pernas de sua mulher, Sam já arremetia contra o sexo molhado, sentindo as mãos dela em suas costas, puxando-a mais para dentro. Seu próprio sexo empurrava sua mão ao encontro do vão molhado que ela penetrava com gosto. Laureen mordia-lhe o ombro, torturada pelo prazer que chegava entre suas pernas.

– Chupe-me, Sam... por favor!

Sem tirar os dedos da carne inchada, ela desceu o corpo e tomou na boca o pequeno ponto excitado e sugou tudo que sua boca conseguiu, fazendo Laureen gozar imediatamente, enlouquecida pelo prazer que lhe tomava o corpo inteiro.

Sem nem ao menos esperar que o corpo dela parasse de tremer, Laureen puxou Samantha para cima, beijando e mordiscando cada parte do corpo que passava por sua boca, até que o sexo latejante de sua velejadora revelou-se aberto diante de seus olhos.

Sentada sobre o peito de Laureen, Sam deixou-se sugar toda, sentindo a língua dela entrar-lhe na carne, preenchendo-a enquanto os lábios experientes da morena lhe massageavam o clit duro e louco por prazer.

Ela segurou-se como pôde no encosto da cama, mexendo-se naquela boca em busca do gozo que ela sentia surgir em seu ponto mais íntimo.

Quando Laureen a penetrou com um dedo enquanto continuava a chupá-la sem parar, ela acelerou o movimento nos quadris sensuais, cavalgando com pressa o dedo que se fundia nela, gozando vezes seguidas.

– Oh, Laurie... meu amor....



O brilho tímido do sol encontrou-as dormindo exaustas e abraçadas uma à outra.

Laureen acordou pouco depois e ficou olhando seu amor adormecida em seus braços, sentindo seu coração preenchido e feliz por não tê-la perdido.

Sam abriu os olhos um tempo depois, e recebeu como bom-dia, o mais lindo sorriso que já tinha visto. Ela só se aconchegou mais ainda nos braços de sua amada e dormiu mais um pouco, feliz e apaixonada.



Mais tarde naquele dia, elas se lembraram que estavam no primeiro dia da primavera. O céu límpido e azul encontrou-as velejando, abraçadas na pequena proa do veleiro de Samantha, onde tudo tinha começado.

Parecia que aquele dia era um cúmplice no amor das duas: nenhum sinal de chuva ou tempo pesado, nenhuma tarde cinza e nebulosa a entristecer as pessoas. Apenas um dia radiante de primavera, prometendo no revoar das gaivotas que acompanhavam o barco, que o amor reinaria nesta e em todas as outras estações que viriam.

F I M

P.S.: Meninas, por favor, escrevam dizendo o que acharam; seja uma crítica, um elogio ou sugestão. Só assim poderei saber se vocês estão gostando ou não!

e-mail para: thexbard@hotmail.com

Obrigada sempre!

A. L. Benner

10/02/04